

HISTÓRIA DA ARTE: O SÉCULO XX ATÉ 1970

Módulo 3

Prenúncios da Contemporaneidade

Unidade 9

Optical Art e Arte Cinética

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
FAALC – Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Nos primeiros cinquenta anos do século XX, tivemos várias manifestações estéticas/artísticas que mudaram o modo de fazer e, principalmente, ver a Arte.

Questões de ordem social, estéticas e conceituais mudaram a trajetória do que chamávamos de Modernidade, depois disto, passou-se a discutir questões da Pós-Modernidade.

Na esteira das novas soluções estéticas e criativas também encontramos a influência de novas técnicas e tecnologias, entendendo a Arte como um campo de experimentação no qual as questões não eram apenas estéticas, mas também técnicas/tecnológicas ou, pelo menos, suscetíveis a estas influências.

Boa parte das manifestações estéticas do início do século XX consolidaram o Modernismo mas, ao mesmo tempo, o desfiaram e o transformaram criando as bases para o Pós-Modernismo.

Diferentes vertentes expressivas foram experimentadas. Algumas perduraram outras simplesmente desapareceram.

No entanto como estudiosos temos por princípio observar como estes processos ocorreram e como ou quando deixaram de ser relevantes para a produção artística, mesmo assim, ainda temos a obrigação de conhecer seu percurso.

Neste sentido a História da Arte tem por missão encontrar e estudar tais manifestações sob pena de perder seus referenciais e relega-las ao esquecimento.

O afastamento das Estratégias Discursivas convencionais como a pintura, por exemplo, foi sempre um desafio posto pelos artistas. Parece que romper com a tradição, mesmo que recente, é um propósito que move os artistas e as vanguardas, logo, não basta inovar, há que encontrar novos caminhos sempre e sempre.

Neste contexto de transformações contínuas surgem momentos e movimentos que destacam não apenas a questão das imagens, mas também conceituais, ressuscitam, reveem questões que foram tratadas anteriormente de um modo e os operam de outros modos. É o caso das tendências recortadas para estudo nesse momento.

Se, por um lado, as técnicas artísticas tradicionais como o desenho, a pintura, escultura e a gravura exploravam os processos poéticos seguindo a visão Romântica de que o artista devia tomar conta de todo o processo: da concepção à execução, o contexto Moderno não tem preconceitos em adotar procedimentos tecnológicos ou mesmo os aparelhos disponíveis para o fazer artístico como meios e recursos criativos e expressivos.

Já abordamos as questões do movimento cinético explorado por movimentos como o Cubismo e o Futurismo, agora o foco é pensar os aspectos virtualizados por meio de efeitos óticos criados em suportes bidimensionais e fixos como é o caso da Op Art ou ainda o movimento incidental criado pelas obras da Kinectic Art, ambos são exemplos de como a ideia de movimento sai da sugestão da temporalidade e passa a ser construído fisicamente.

Voltamos assim à questão do movimento ou melhor, do “efeito” de movimento. Vale ressaltar que sempre que uso o termo “efeito de” me refiro à questão de que o que se apreende no contexto da Imagem nunca é coisa do mundo natural, mas sim uma construção elaborada para produzir sensações, informações, comunicar dados e sentidos, portanto gerar a impressão de que algo ocorre sem que ocorra, de fato no mundo. Esse é a magia da Arte.

Quando falei do Cubismo e do Futurismo, expliquei que a busca de um e de outro tocavam na questão do movimento cinético, fosse por acaso como o Cubismo ou propositalmente como o Futurismo. O mesmo acontece com a Optical Art ou Op Art, na qual os efeitos obtidos por meio da ilusão de ótica sugerem (ou causam o efeito de) movimento. Ao passo que na Arte Cinética o movimento é real, físico e provocado pela obra e as condicionantes ambientais ou mecânicas. Vamos ver isso.

Optical Art ou Op Art

A "Op-Art" vem do inglês (optical art) e significa "arte ótica". Defende "menos expressão e mais visualização".

Apesar do rigor com que as Obras são construídas, simbolizam um mundo mutável e instável e sujeito às transformações em função dos pontos de vista adotados para observá-las.

As manifestações da Op Art são, em geral, menos figurativas e mais abstratas. É comum o uso de acromias como preto e branco. Quando são observadas, causam a impressão de que produzem movimento ou seja, a "sensação" de movimento, clarões ou vibração, outras vezes parecem inflar ou deformar.

A Op Art passou por um desenvolvimento relativamente lento. Ela não tem o ímpeto ou apelo emocional parece excessivamente cerebral e sistemática, está mais próxima da racionalidade lógica e científica do que da emotividade.

Por outro lado, suas possibilidades parecem ser tão ilimitadas quanto as da ciência e da tecnologia que atualmente são encontradas nos meios digitais computadorizados.

A Op Art dialoga com a percepção visual por meio de recursos óticos. As cores são usadas para a criação de efeitos visuais usando a sobreposição, rebatimento, modularidade, interação entre figura e fundo com o objetivo de sugerir movimento.

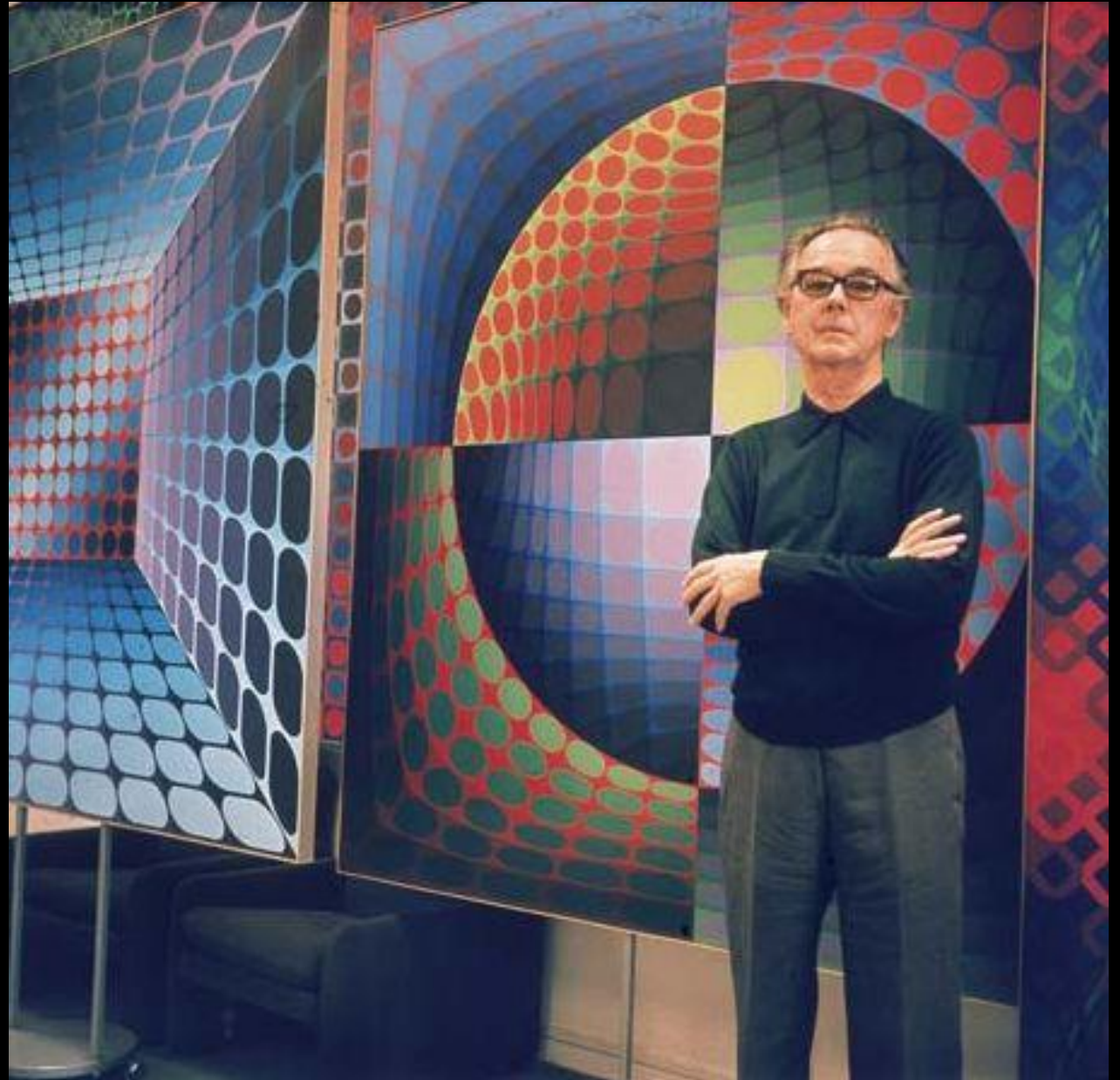
Os tons vibrantes, círculos concêntricos e formas que parecem pulsar são as características mais marcantes deste estilo artístico.

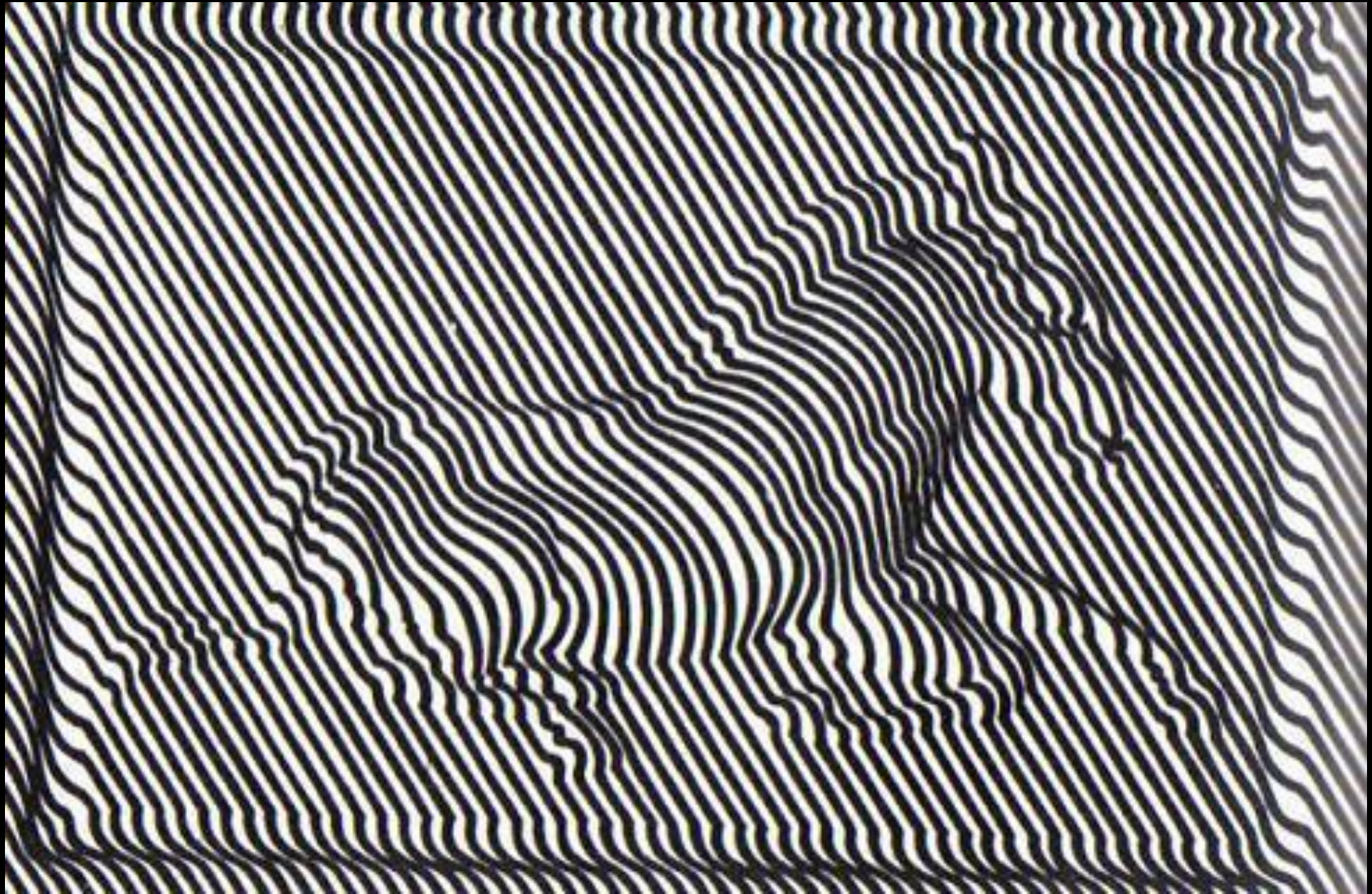
O termo surgiu pela primeira vez na TIME MAGAZINE em Outubro de 1964, embora a produção de obras com estas características já vinha ocorrendo desde a década de cinquenta do século XX.

A primeira exposição exclusiva de Op-Art foi realizada em Nova Iorque em 1965, chamada de *The Responsive Eye* (O Olho que Responde).

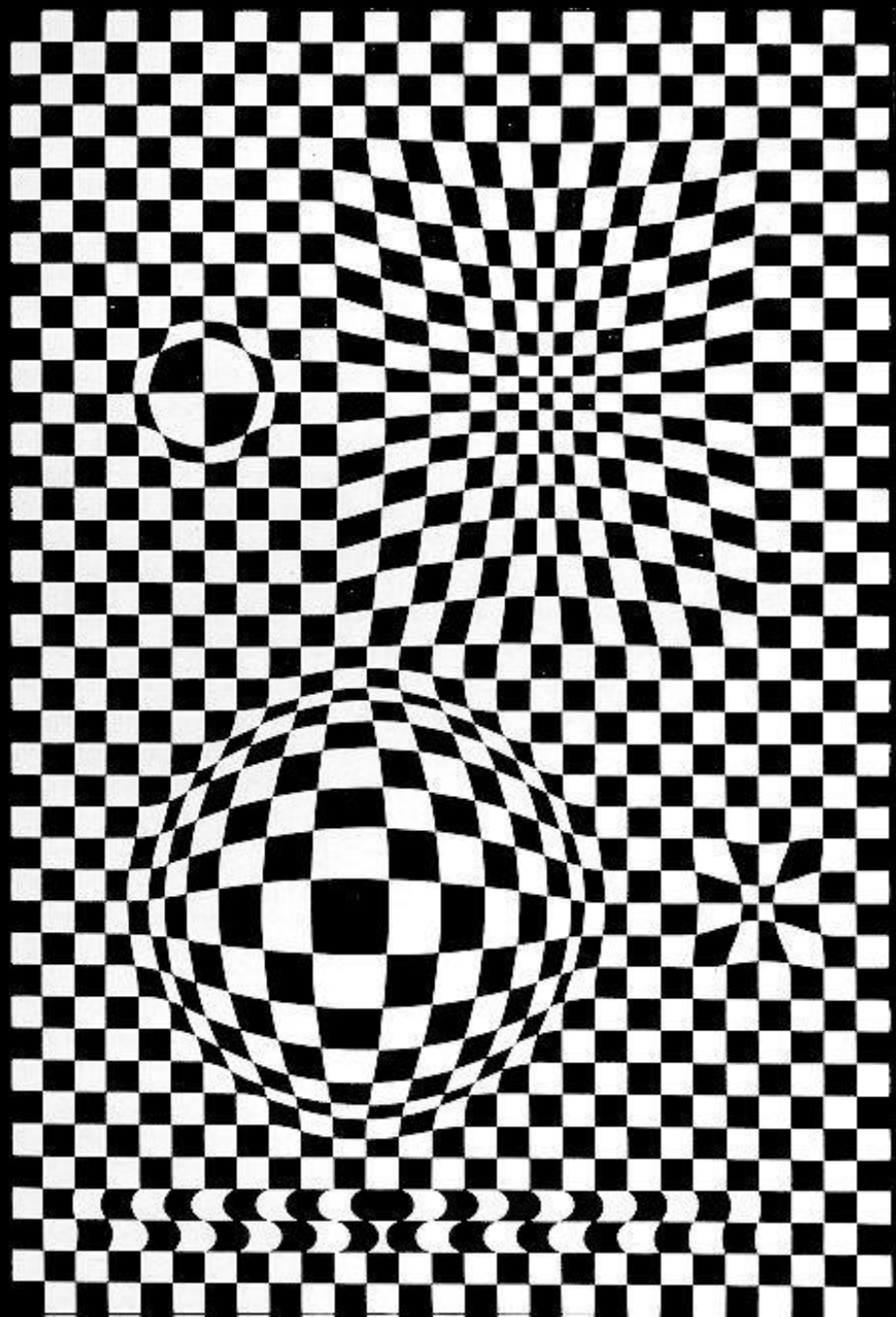
Vários artistas trabalharam dentro desta tendência, Entre eles: Victor Vasarely, Alexander Calder, Adolph Frederick Reinhardt, Jesús-Raphael Soto, Kenneth Noland, Richard Allen, Bridget Riley e o brasileiro Luiz Sacilotto.

Victor Vasarely (1908-1997)

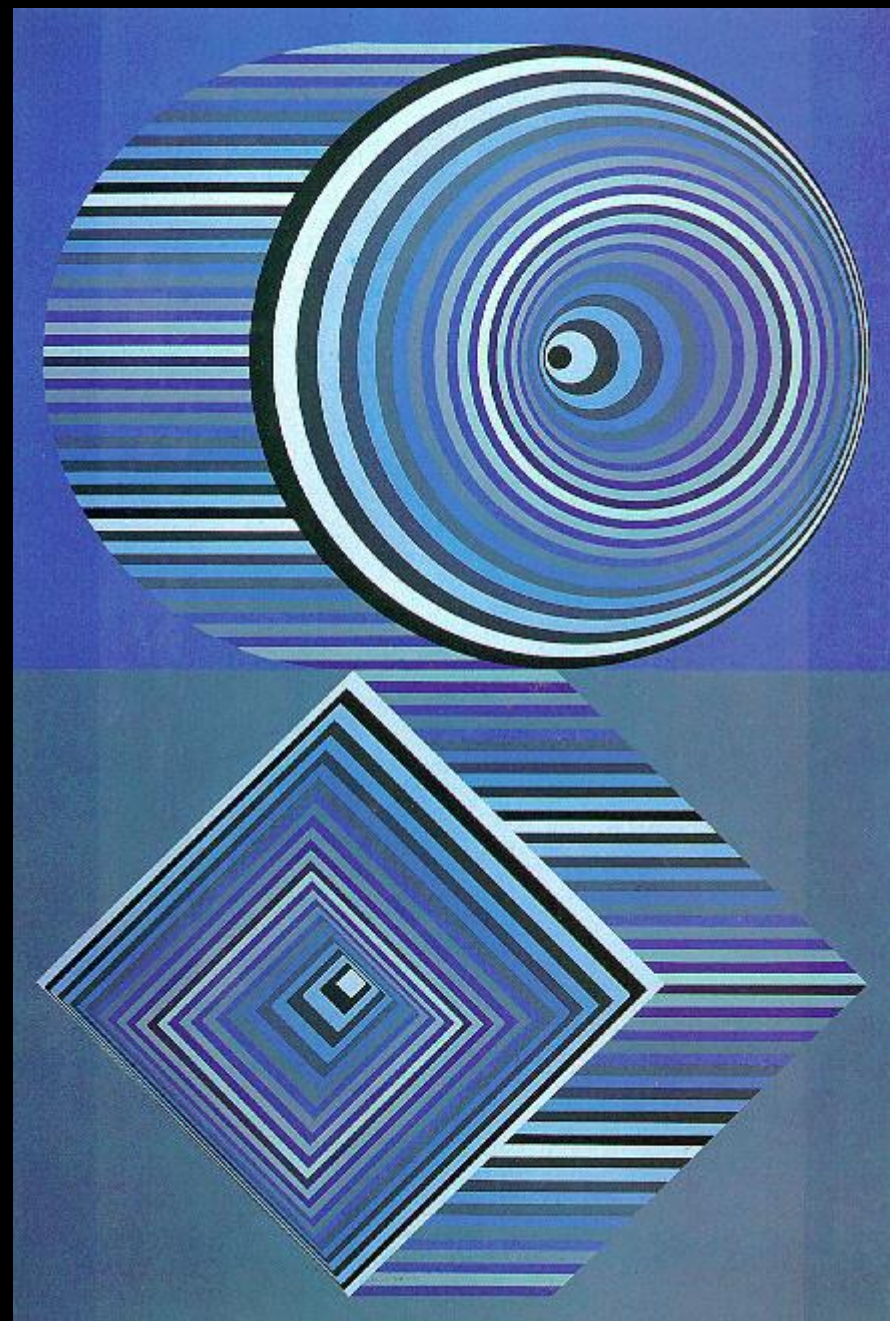


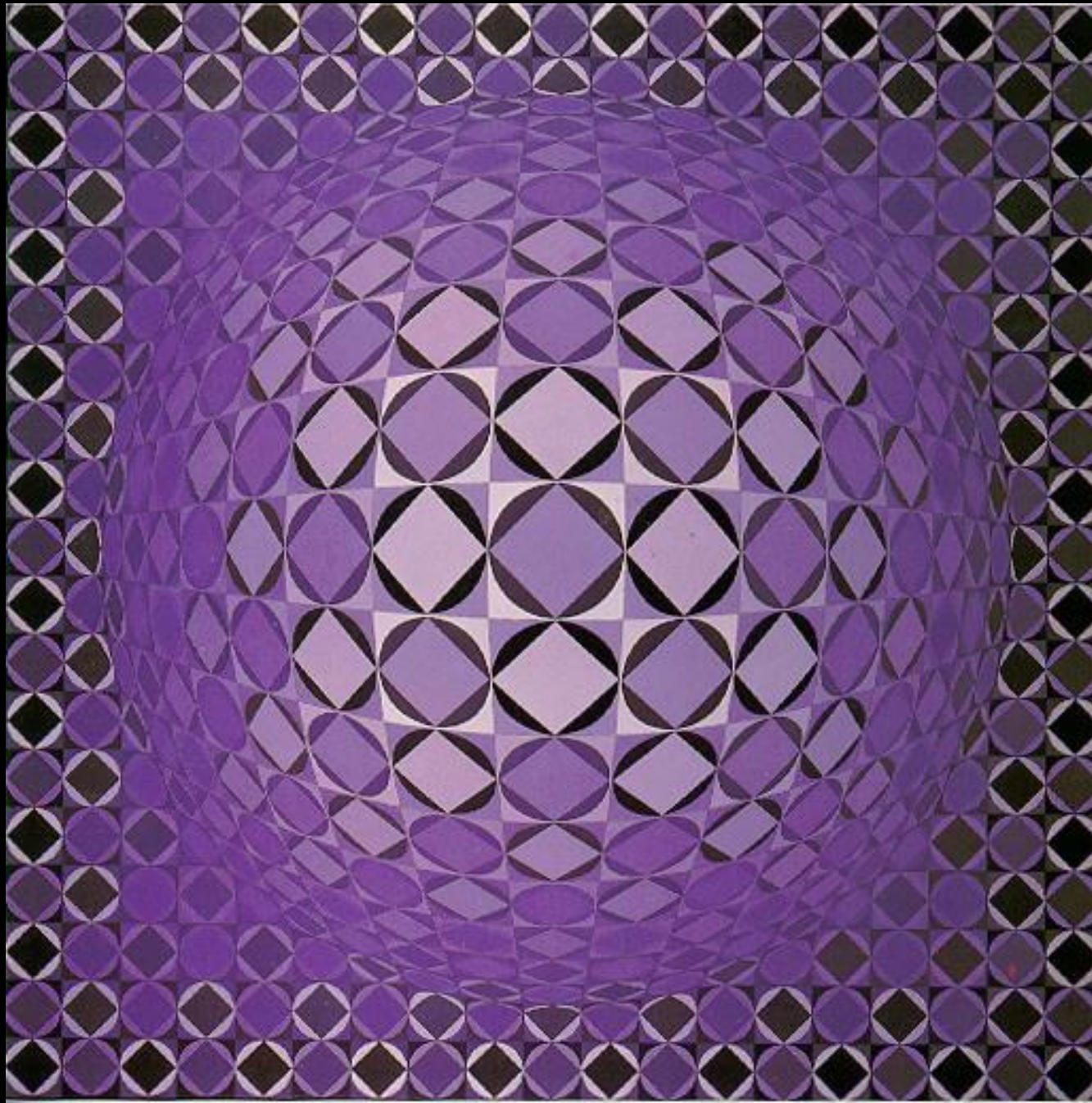


Victor Vasarely

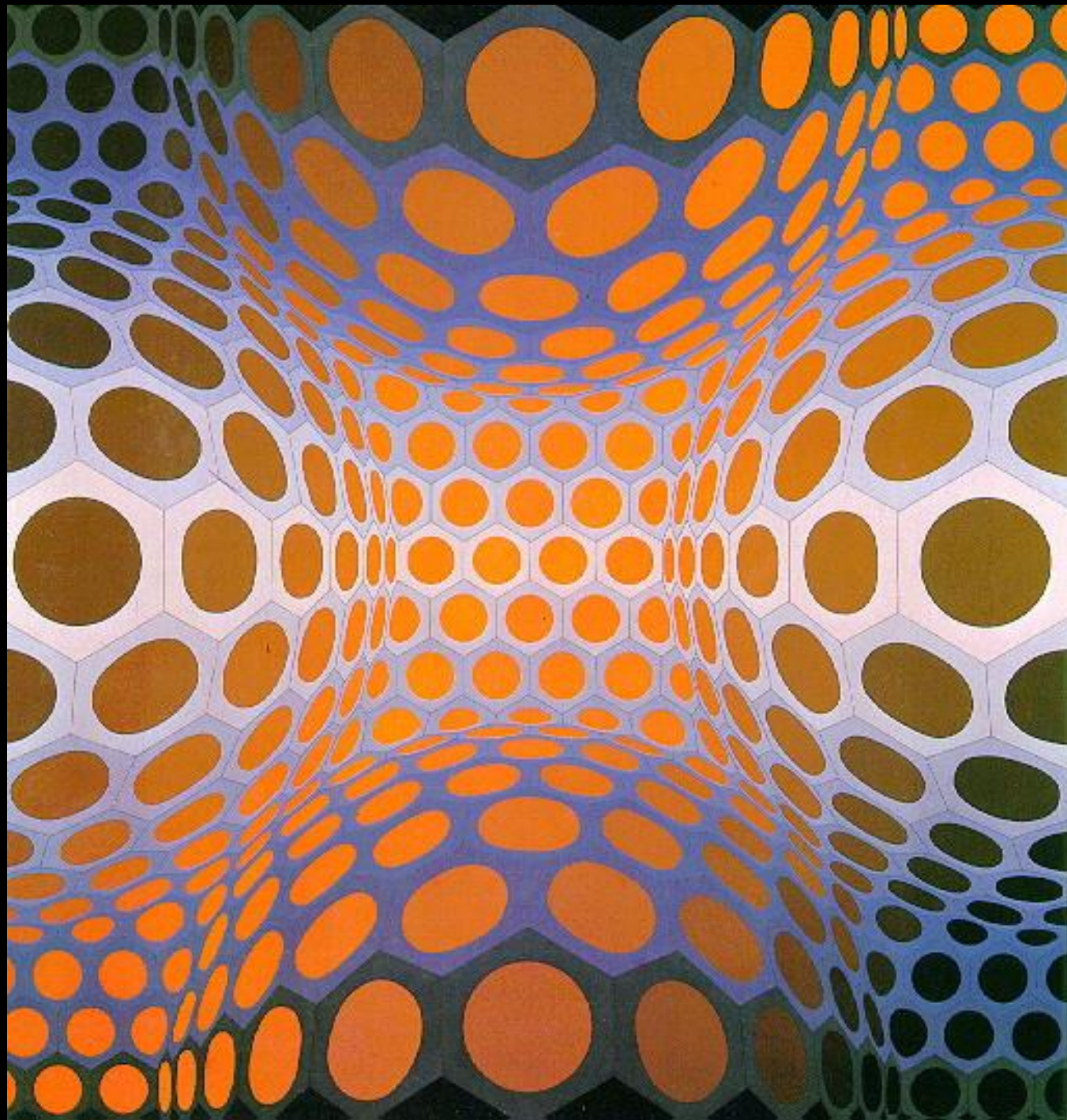


Victor Vasarely

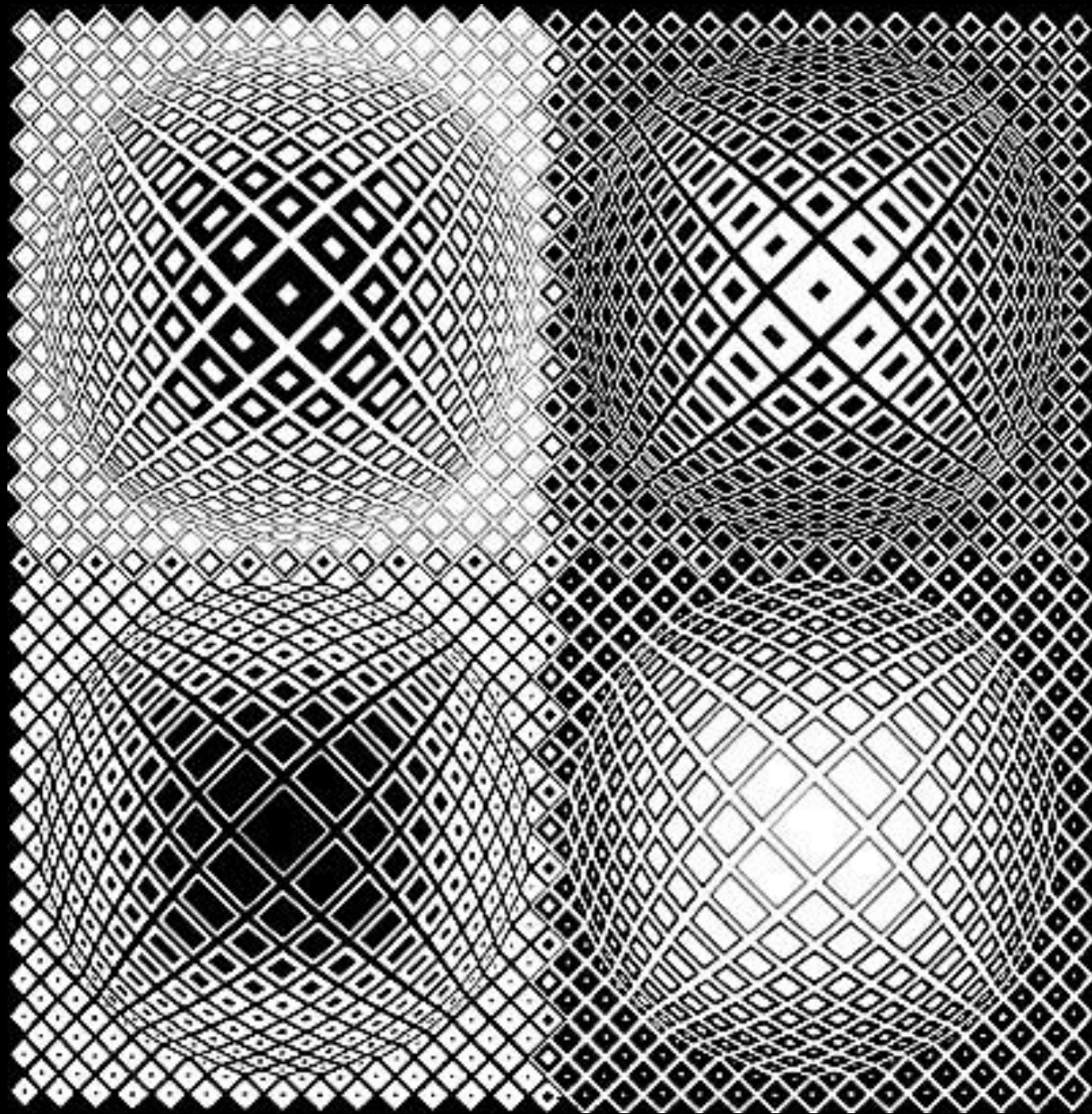




Victor Vasarely



Victor Vasarely



Victor Vasarely

Alexander (Sandy) Calder, 1898-1976.



RED AND BLUE SPIRALS WITH SUN, 1975.



Alexander Calder Lithograph "Pyramids and Spirals" 1974



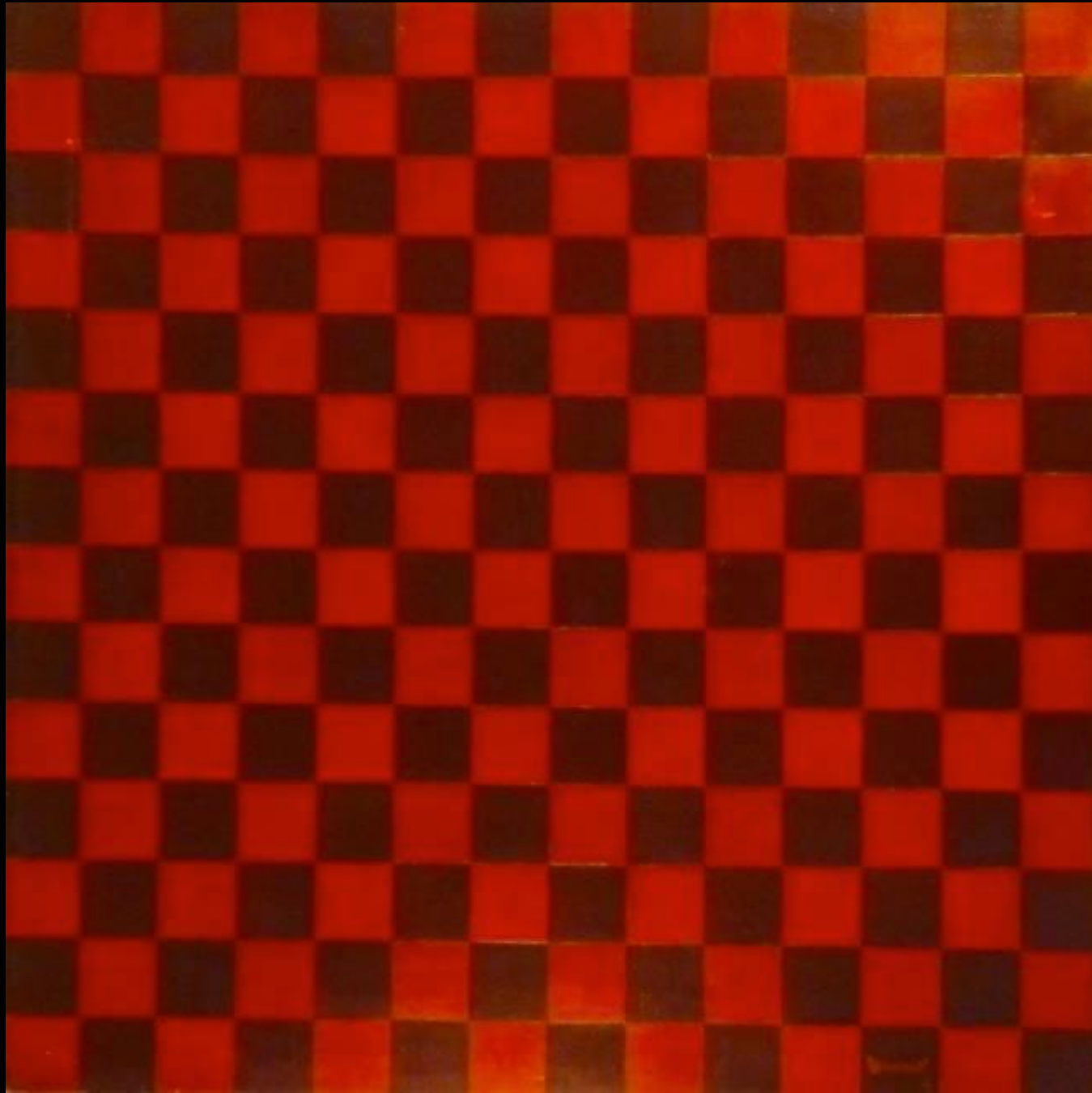
Calder, Red Nose.



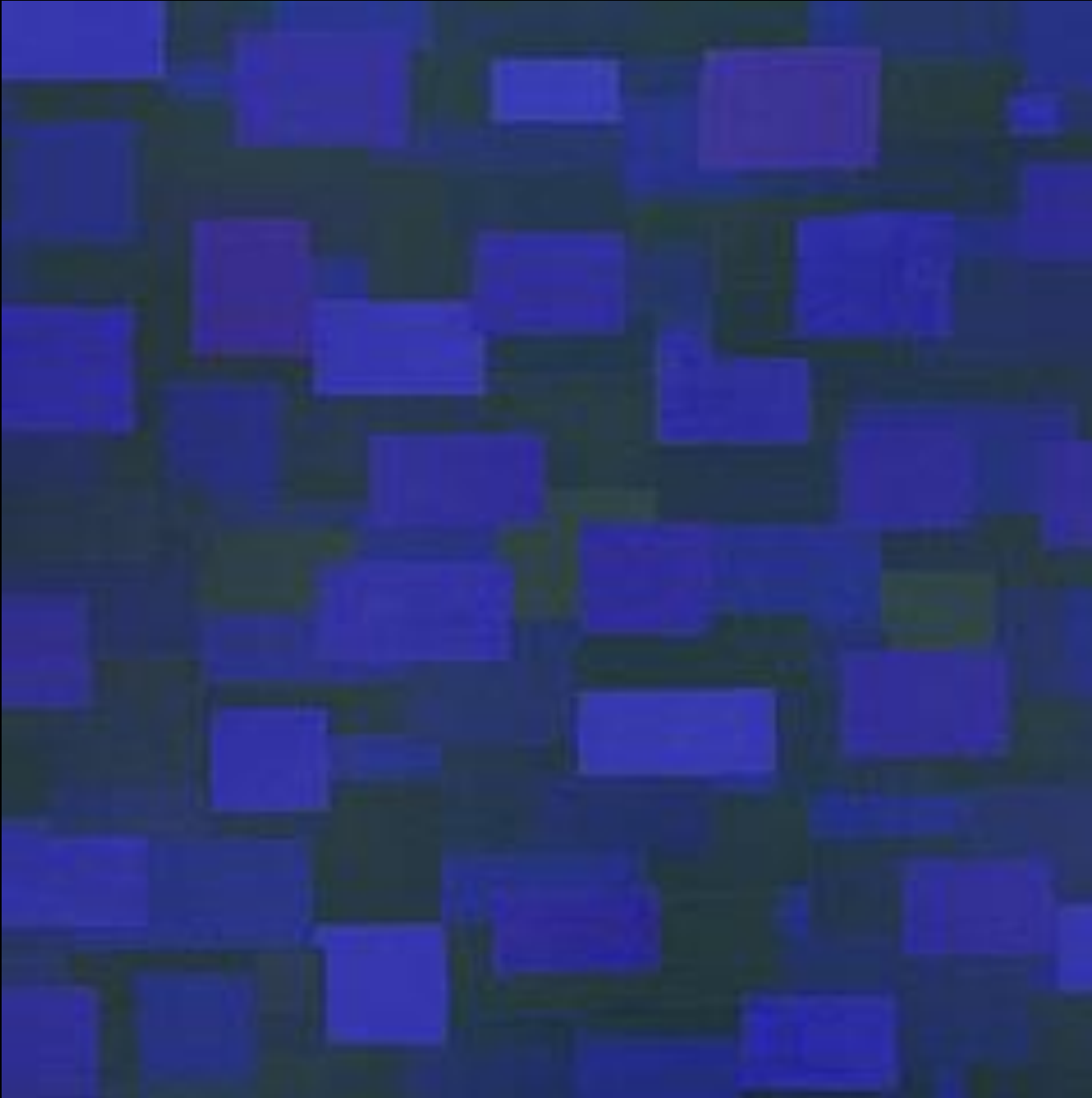
Jeux de l'Oie

Adolph Frederick Reinhardt (1913-1967)





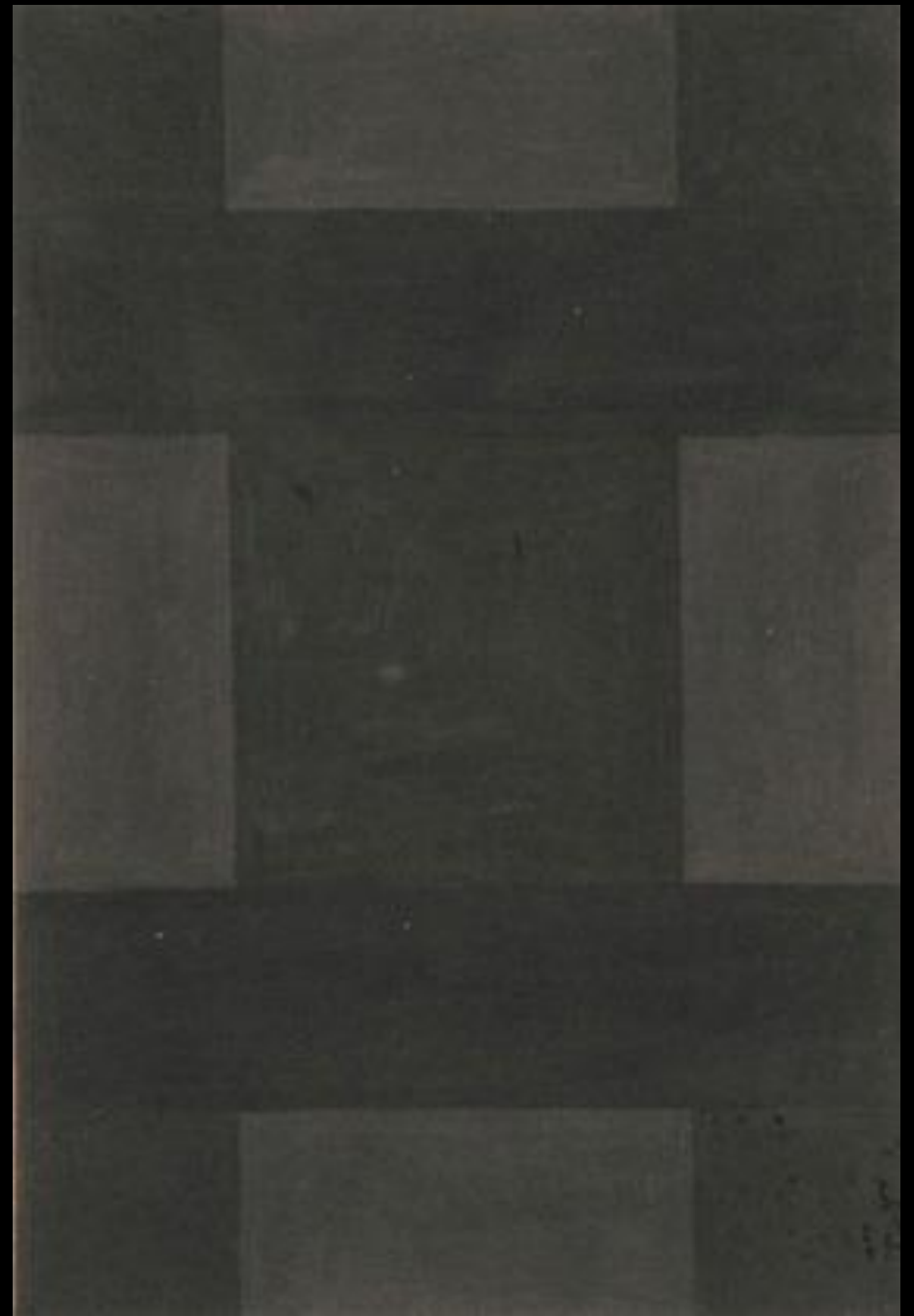
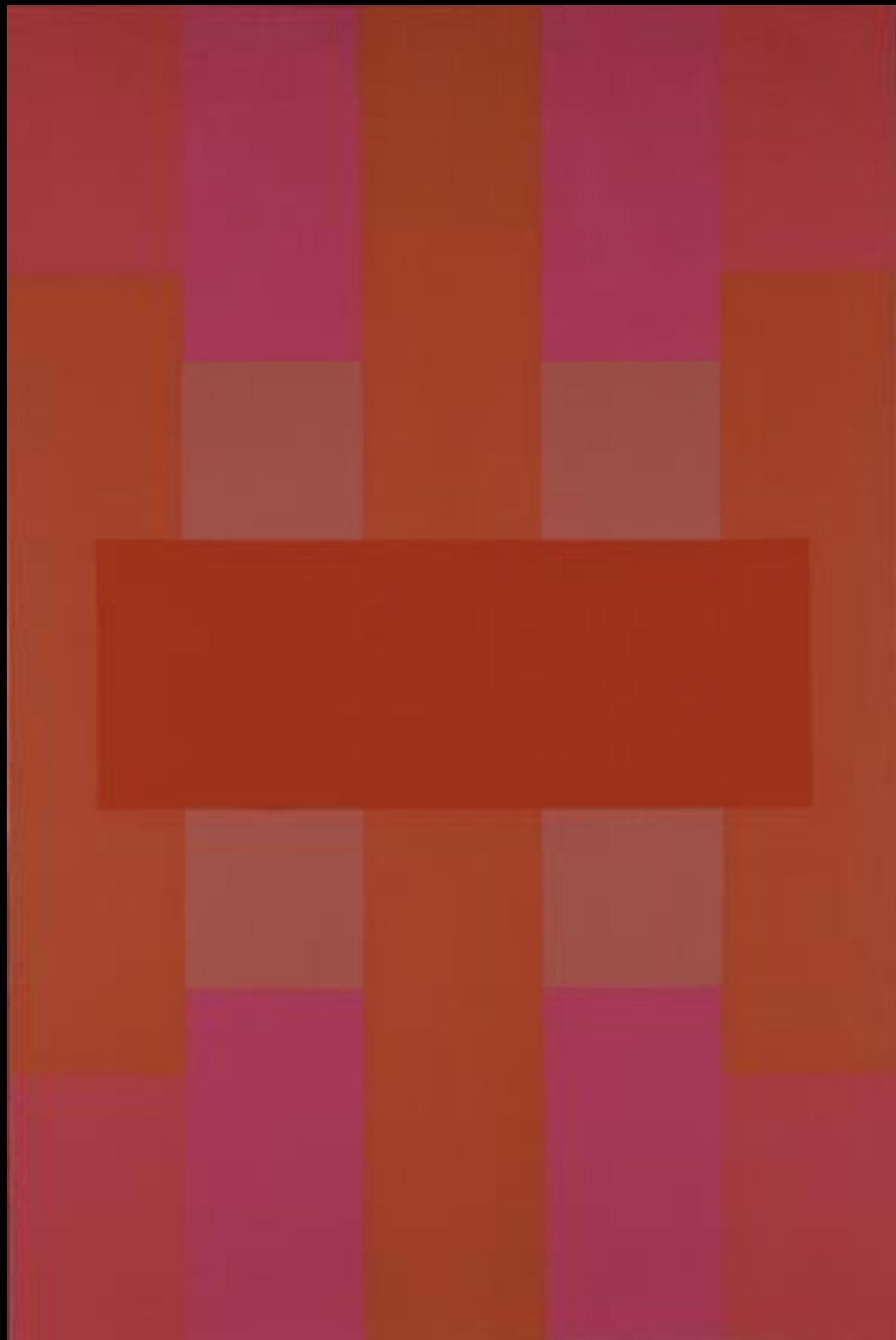
Adolph Frederick Reinhardt



Adolph Frederick Reinhardt



Adolph Frederick Reinhardt



Adolph Frederick Reinhardt

Jesús-Raphael
Soto (1923-2005)





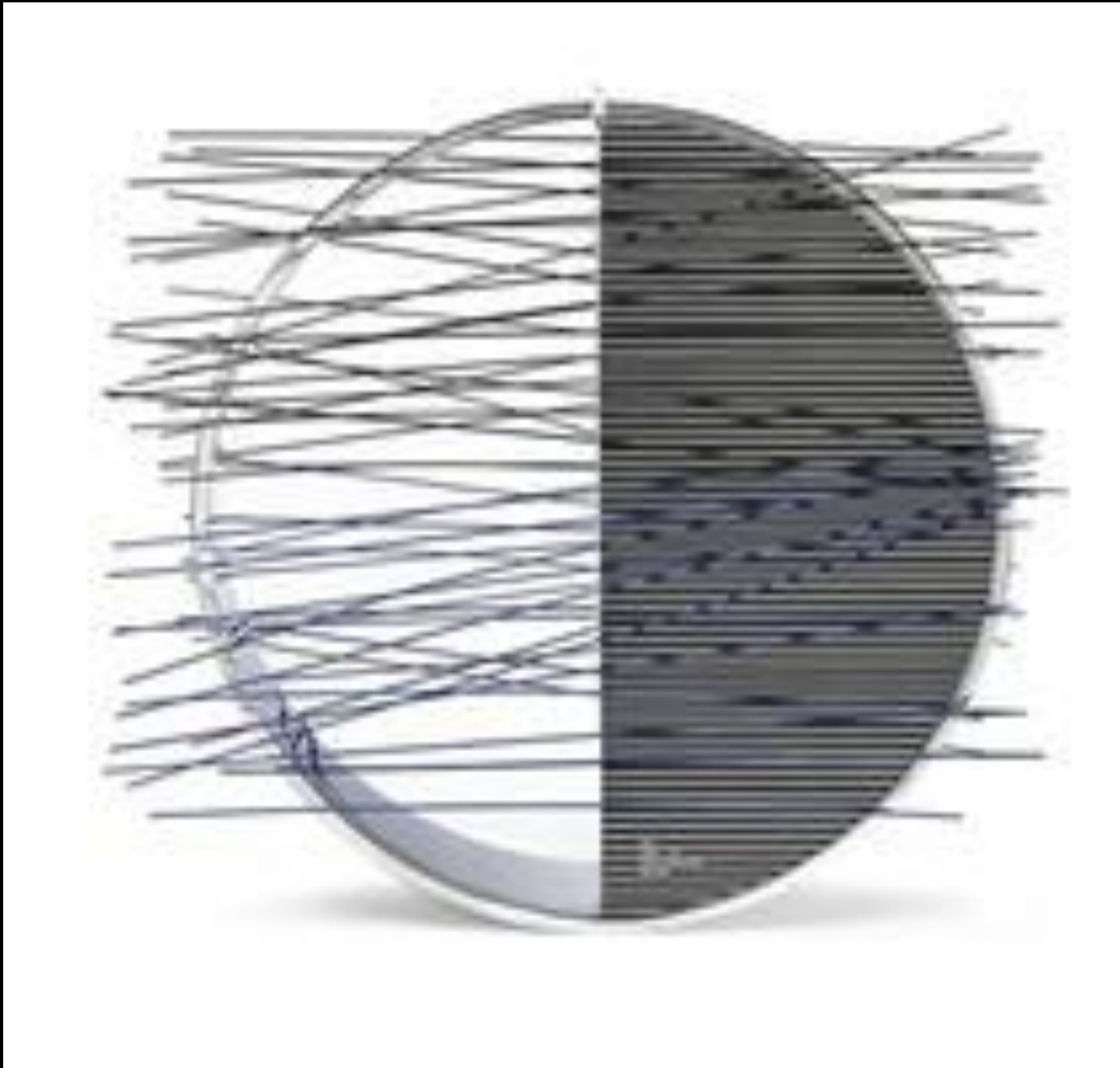
Jesús-Raphael Soto



Jesús-Raphael Soto



Jesús-Raphael Soto



Jesús-Raphael Soto

Kenneth Noland, 1924-2010.

Split, 1959





Kenneth Noland,
Extent, 1959



Kenneth
Noland "Untitled",
1959



Kenneth
Noland, Back
and Front, 1960



Kenneth Noland,
Beginning, 1958



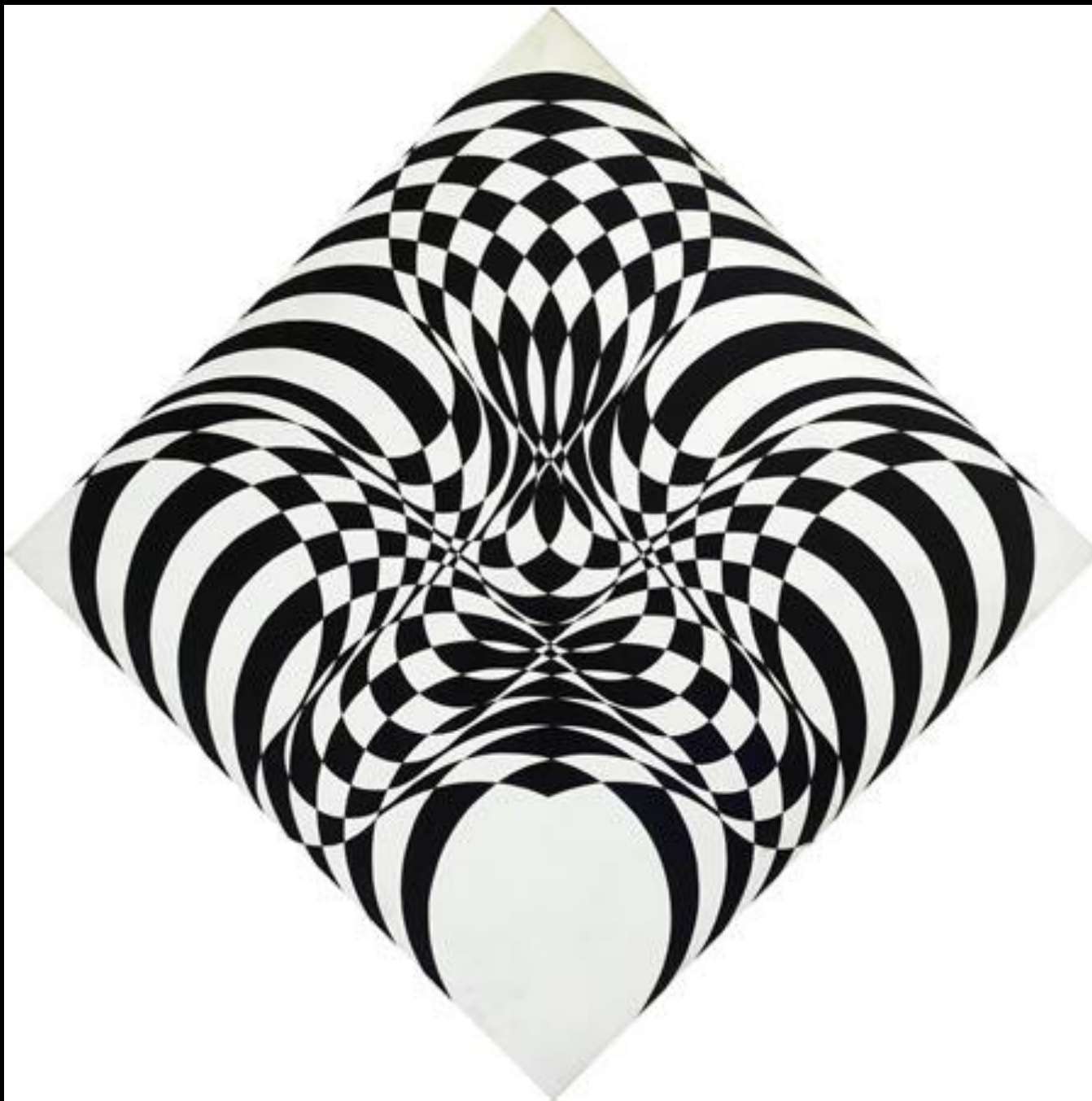
Kenneth Noland,
And Half, 1959

Richard Allen, 1933-1999.

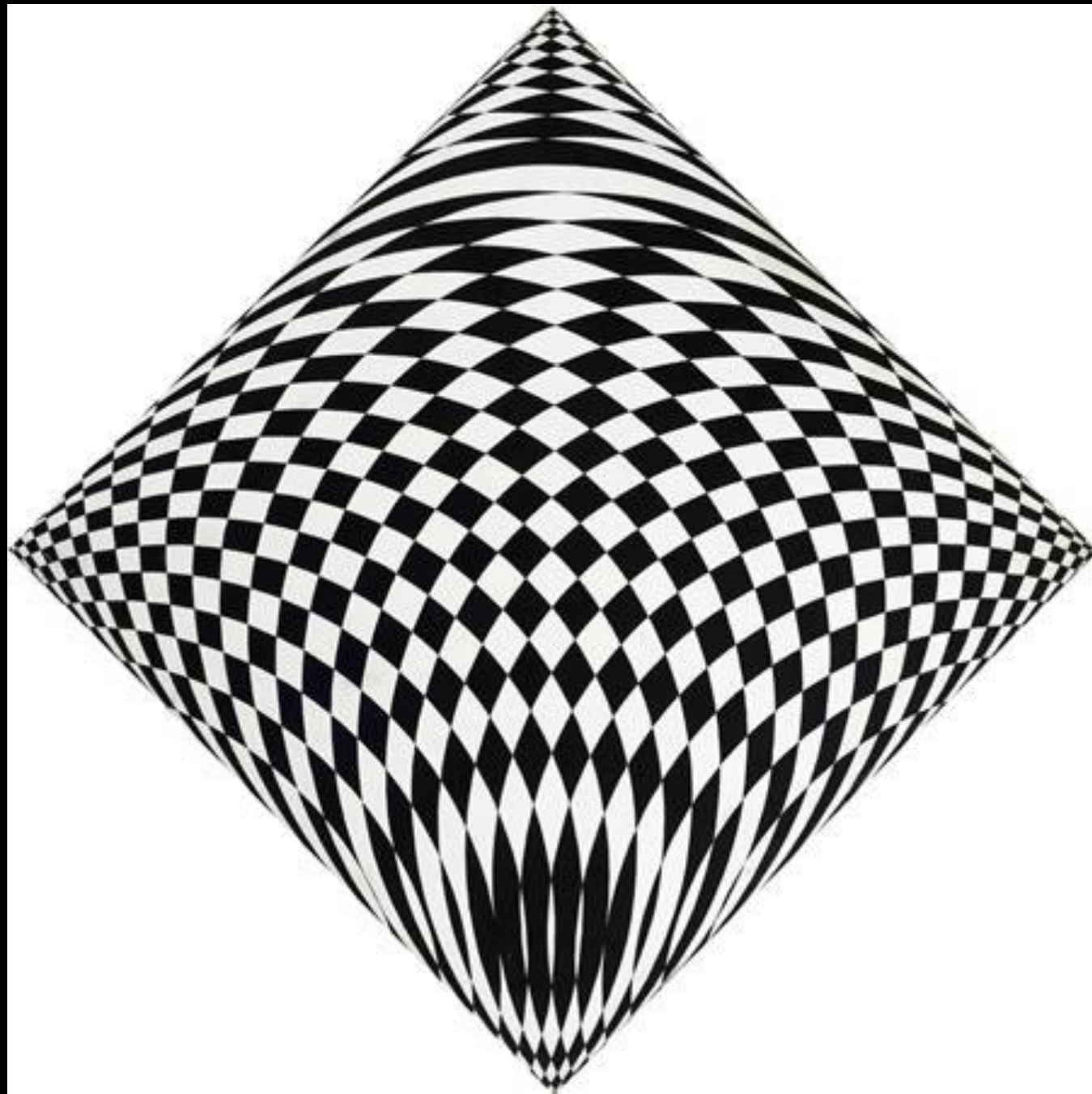




Richard Allen, **Zoll**, 1965



Richard Allen , untitled, 1966



Richard Allen, Black
Bloom, 1966



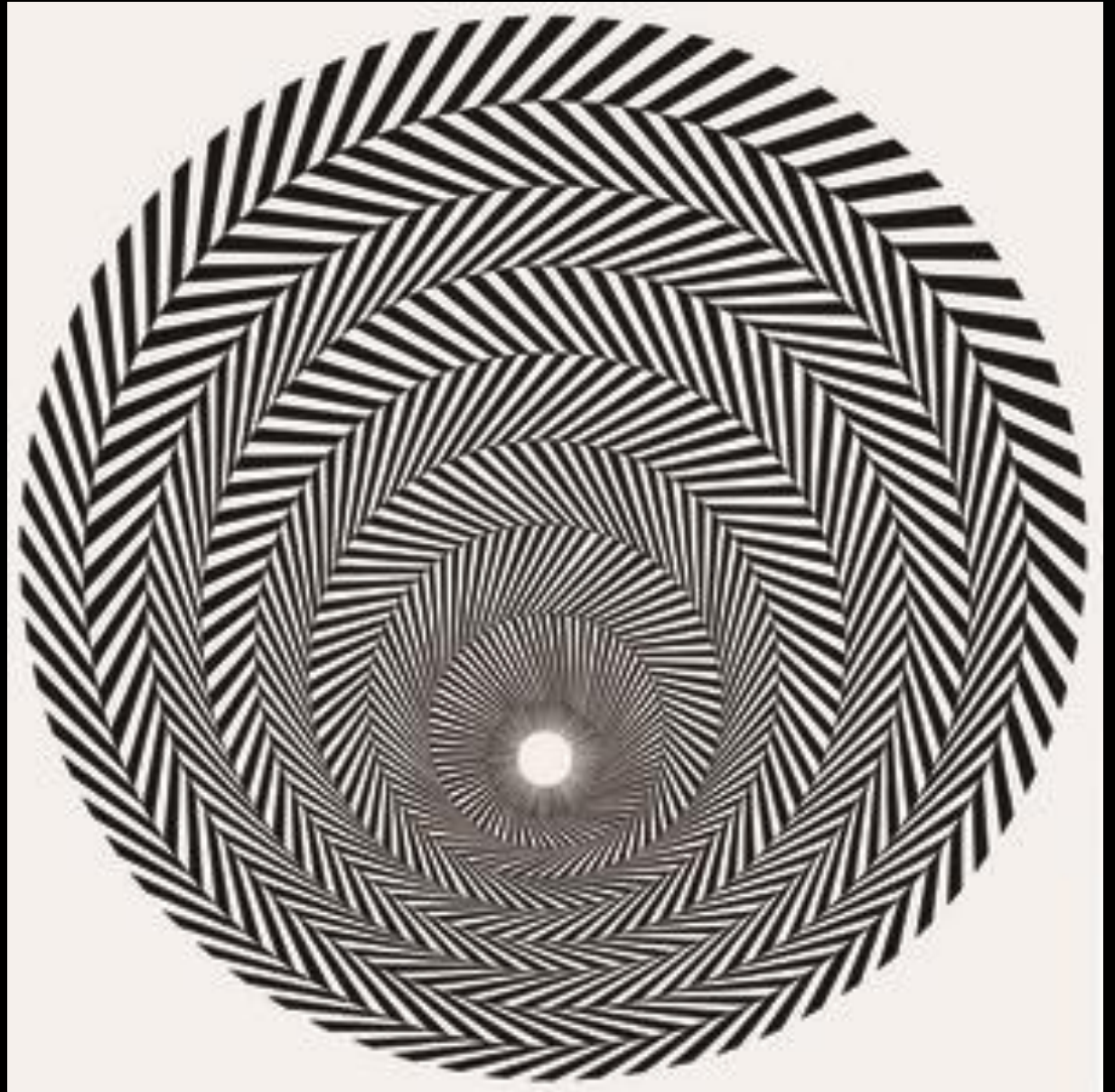
**Richard Allen study for Op
painting/print, c.1965/6**

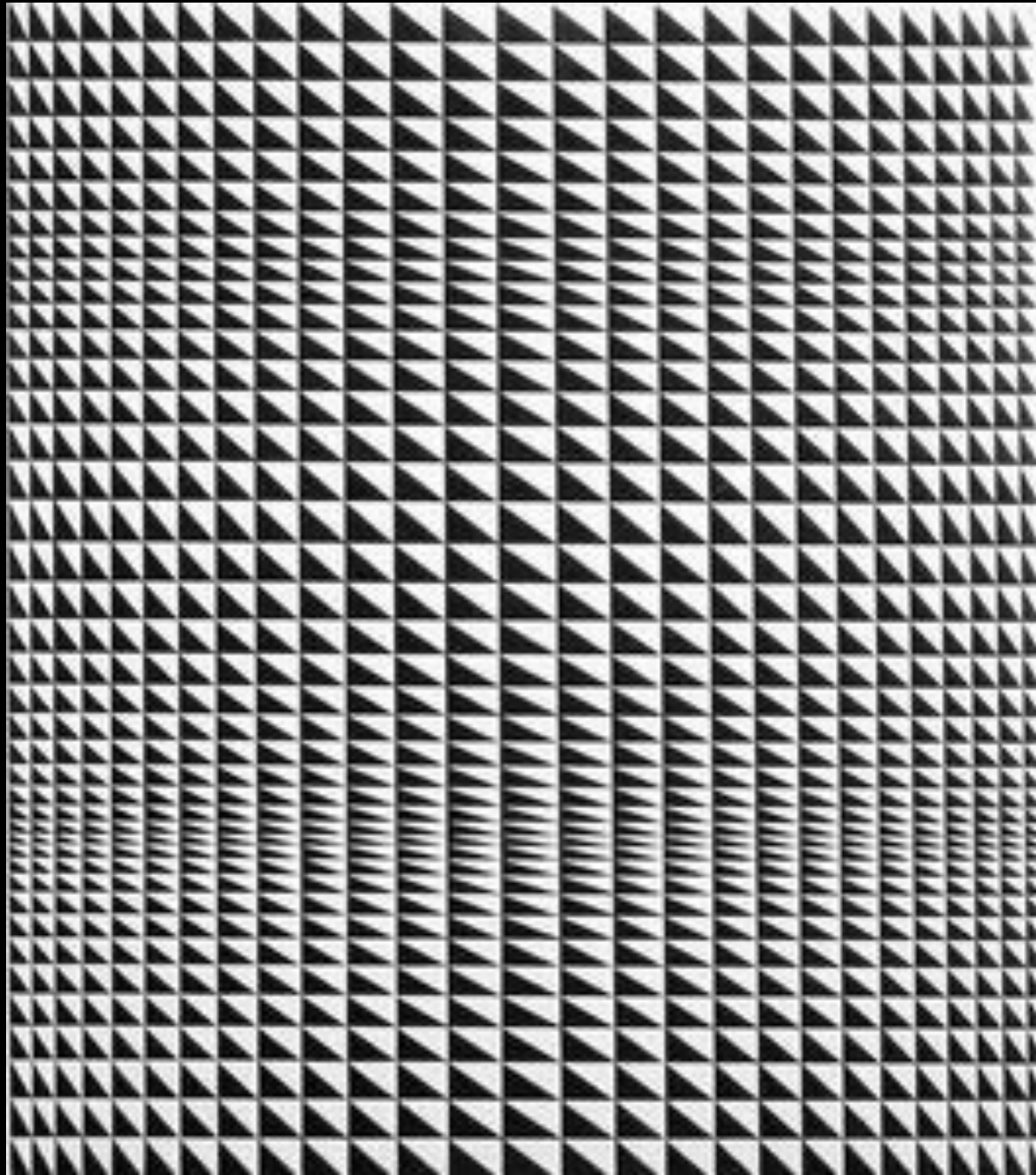


Richard Allen, **study for Op**
painting/print, c.1965/6

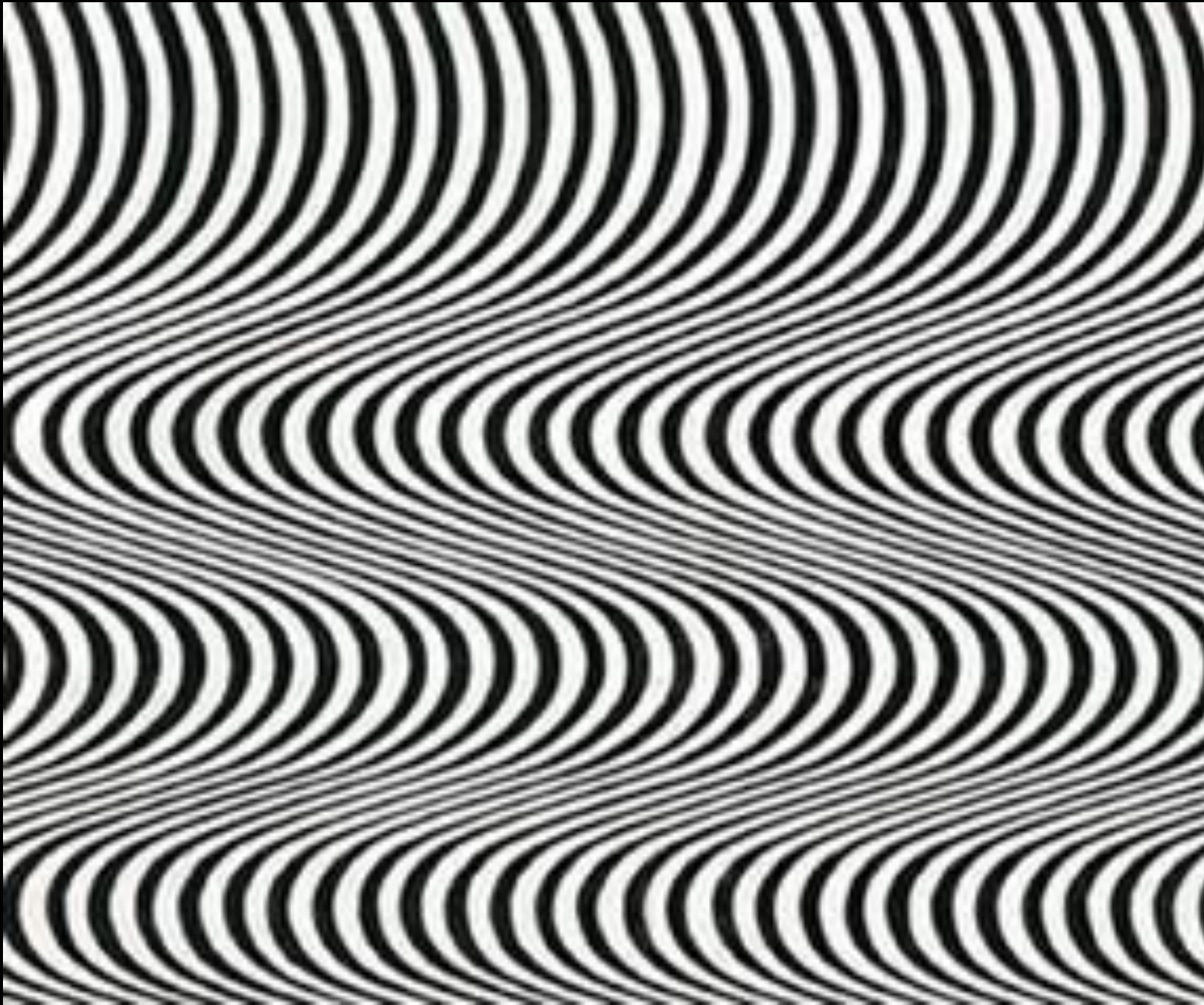
Bridget Riley (1931)

Blaze 4, 1964





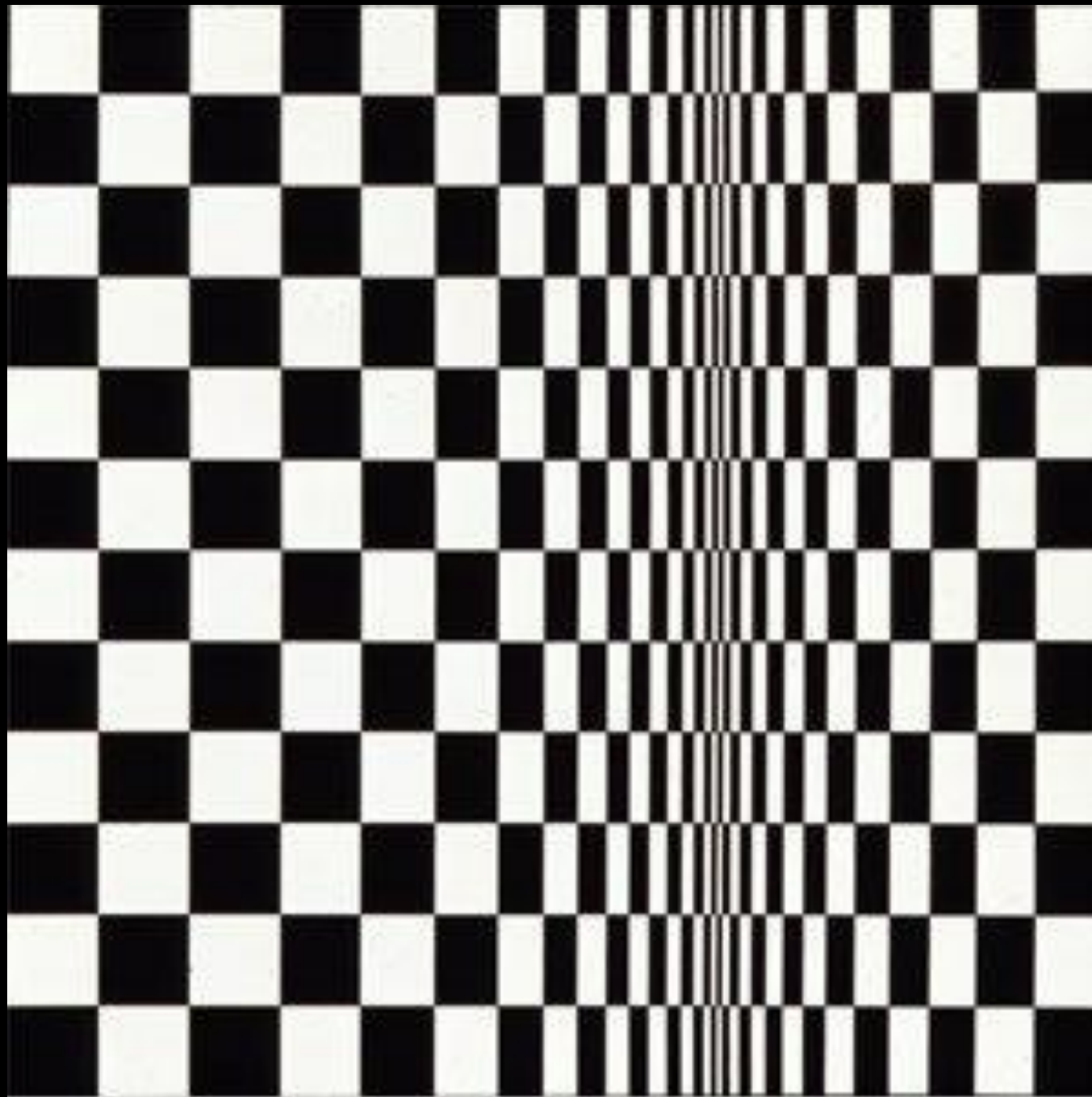
Bridget Riley, *Straight Curve*, 1963



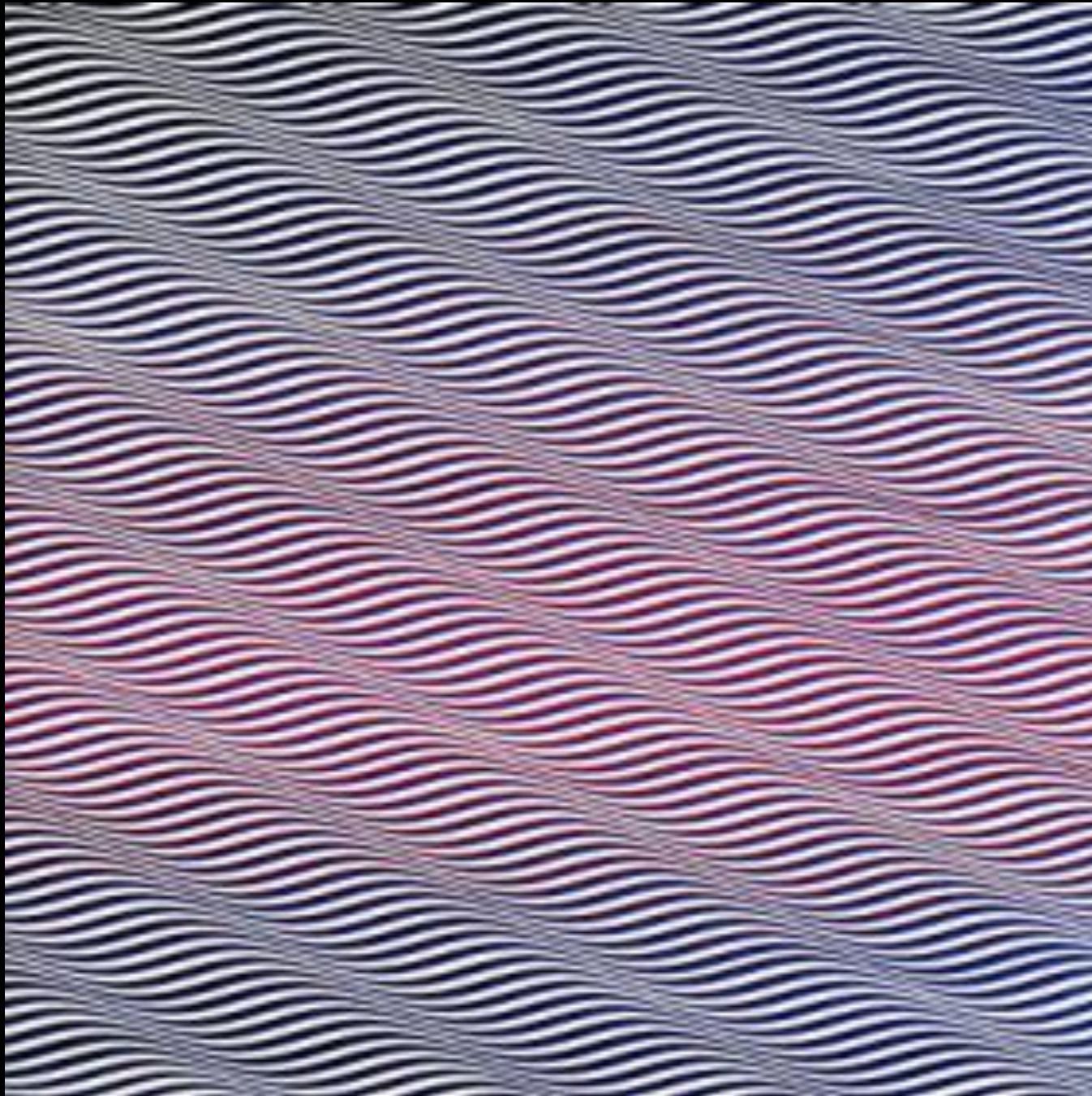
Bridget Riley ,Current



Bridget Riley



Bridget
Riley Movement in
squares, 1961



Bridget
Riley Cataract, 1967

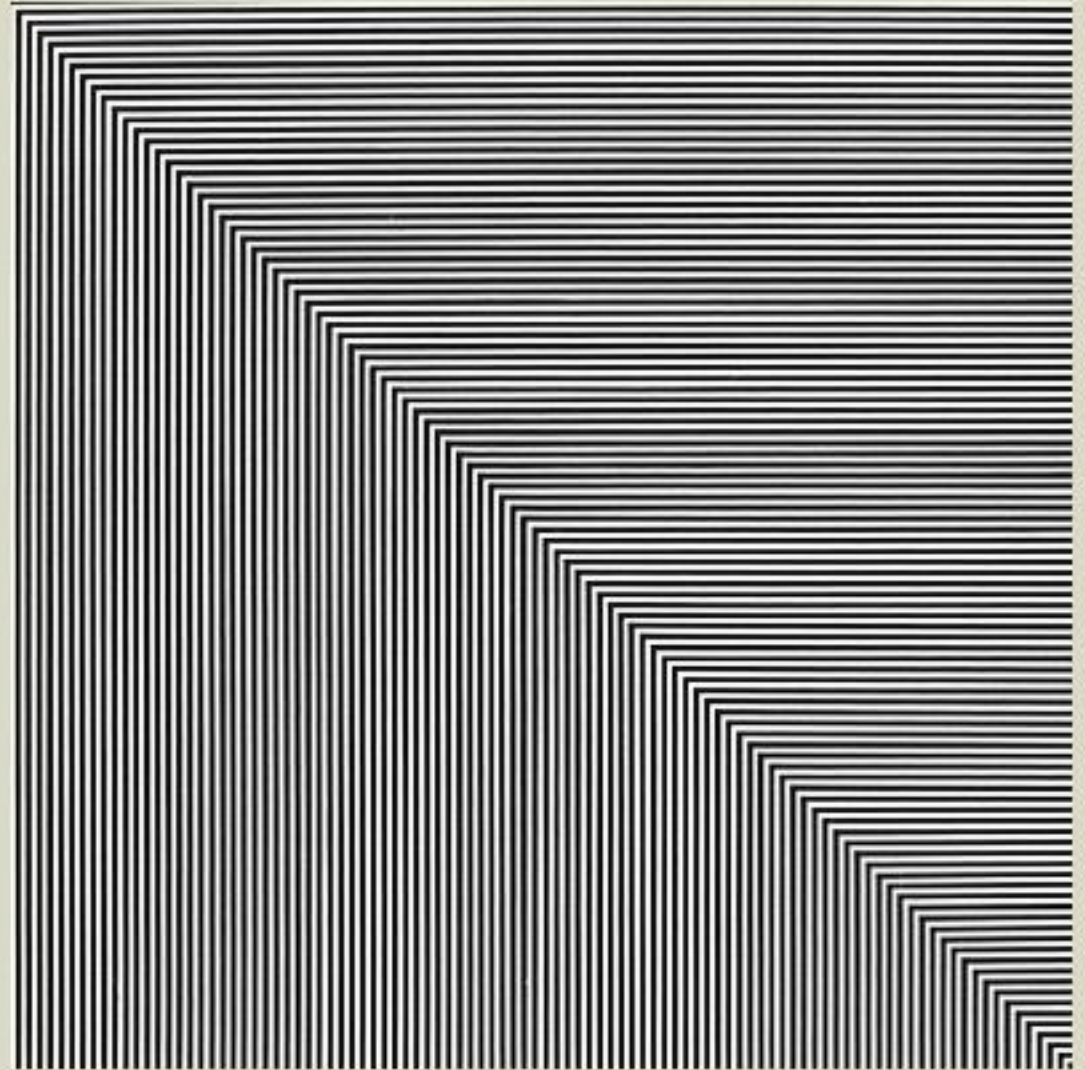


Bridget Riley , **Intake**, 1964.



Bridget
Riley, Stretch,
1964

Luiz Sacilotto, 1924-2003.



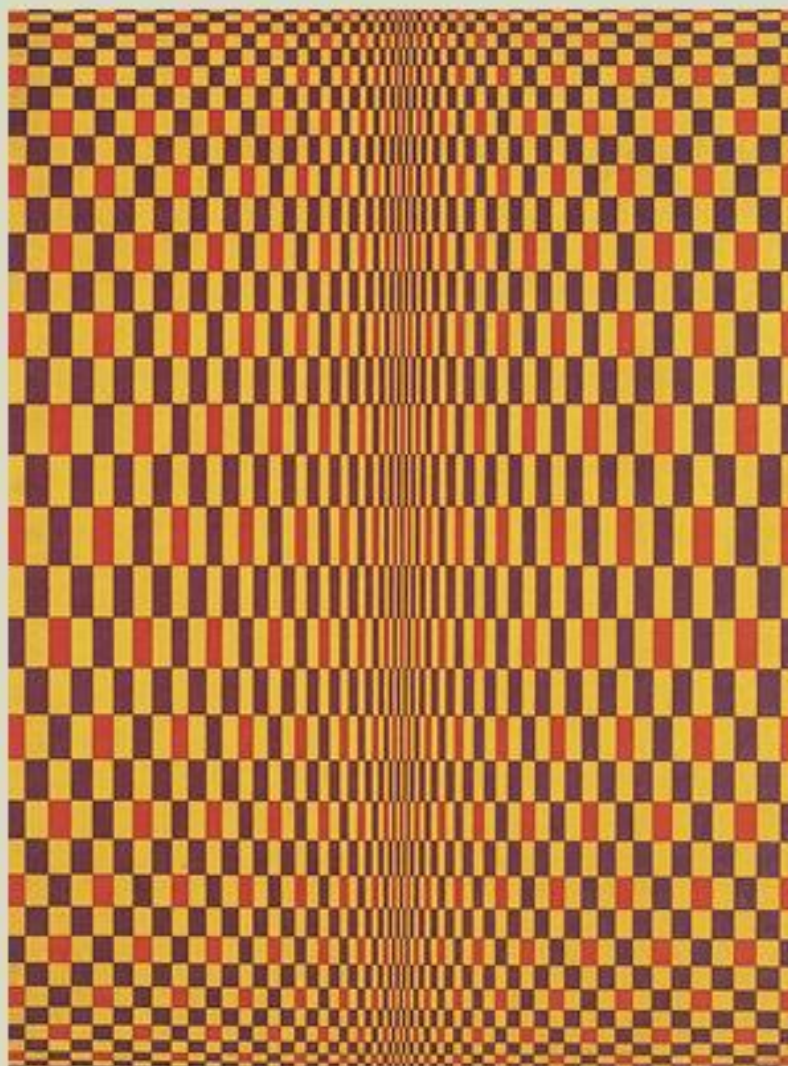
Sacilotto, Luiz

Concreção 8021, 1980

têmpera sobre tela sobre hardboard

70 x 70 cm

Reprodução fotográfica autoria desconhecida



Sacilotto, Luiz

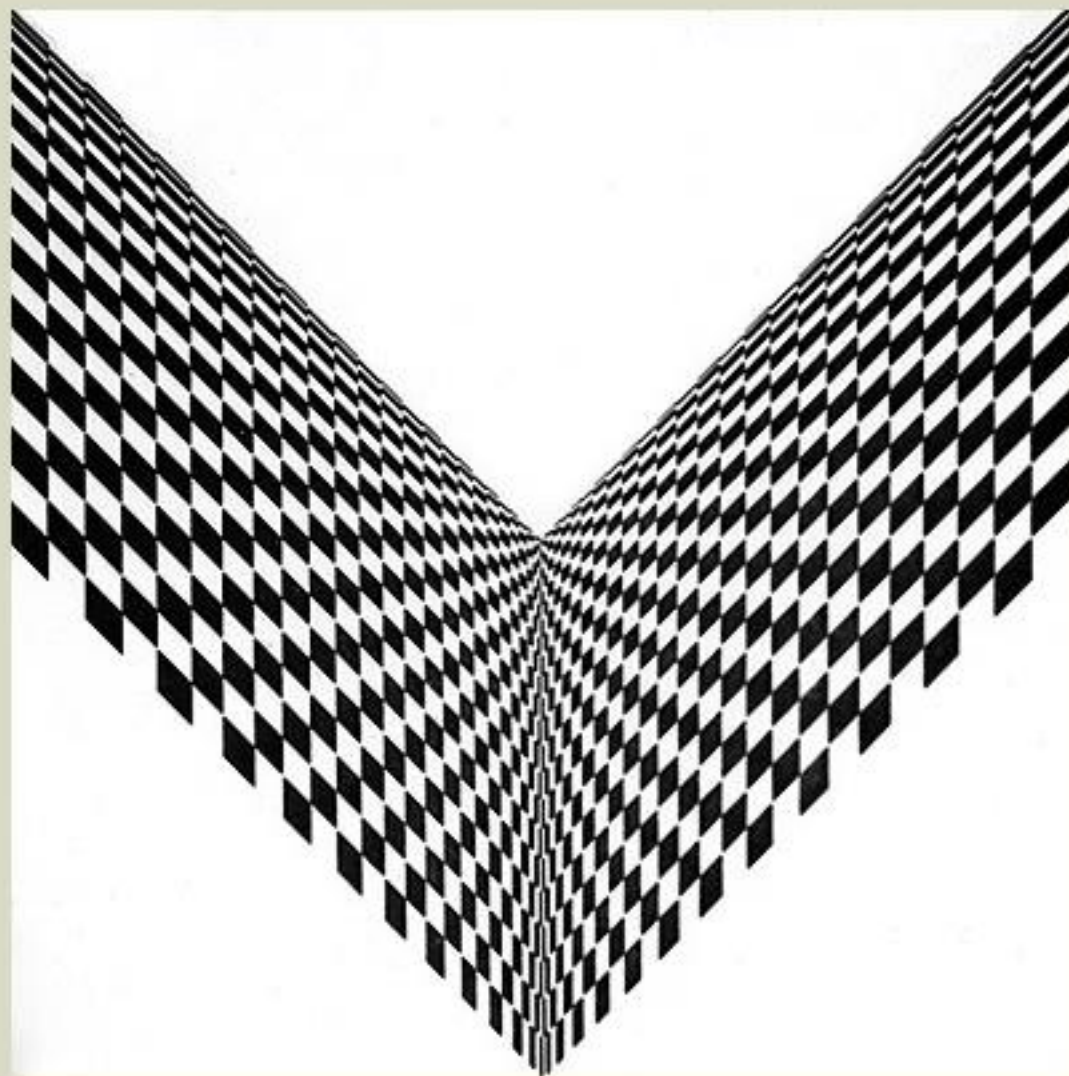
Composição Abstrata [Abstract Composition], s.d.

têmpera sobre tela

80 x 59,5 cm

Coleção Gilberto Chateaubriand - MAM RJ

Reprodução fotográfica autoria desconhecida



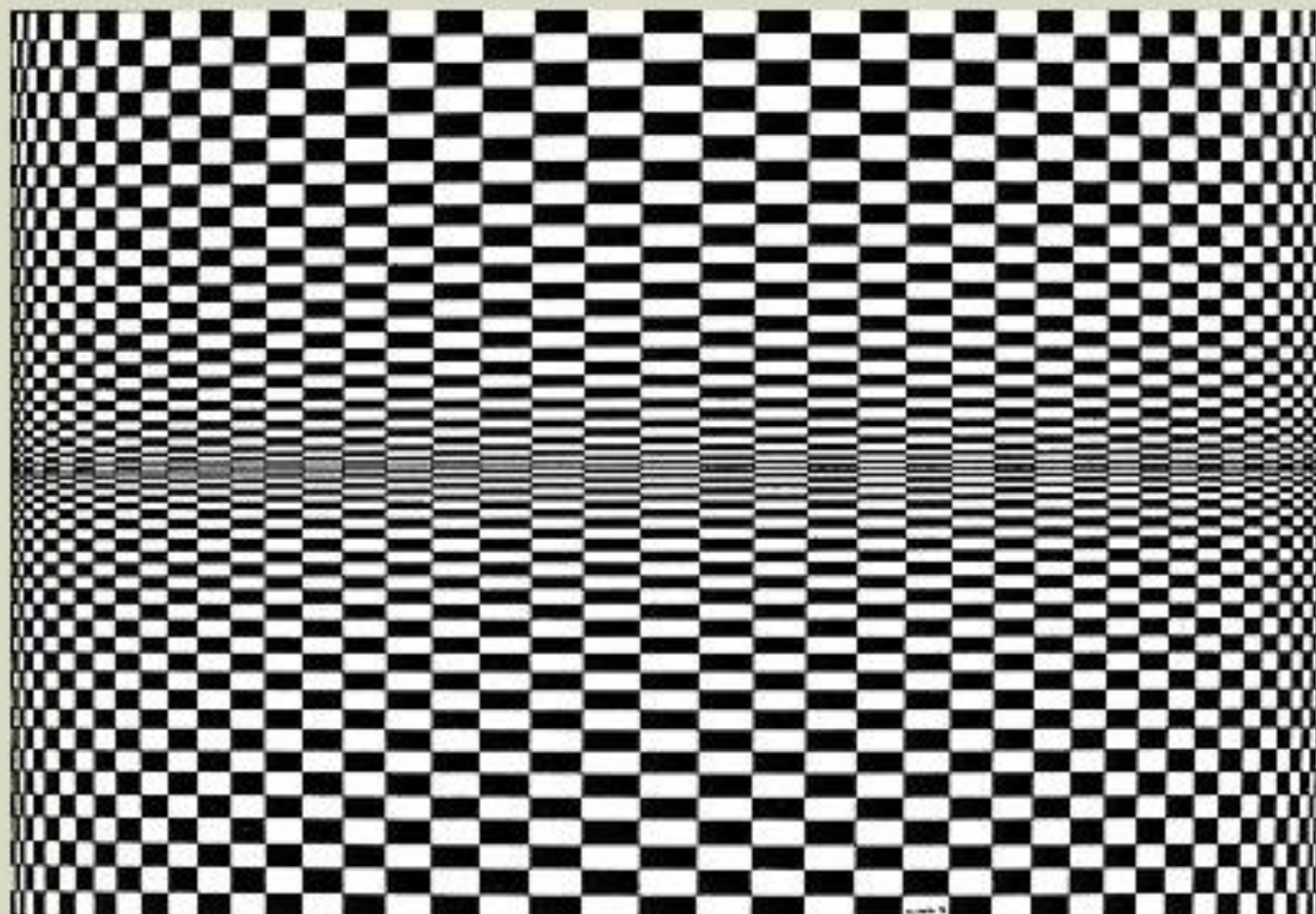
Sacilotto, Luiz

Concreção 8078, 1980

têmpera sobre tela, c.i.d.

100 x 100 cm

Reprodução fotográfica autoria desconhecida



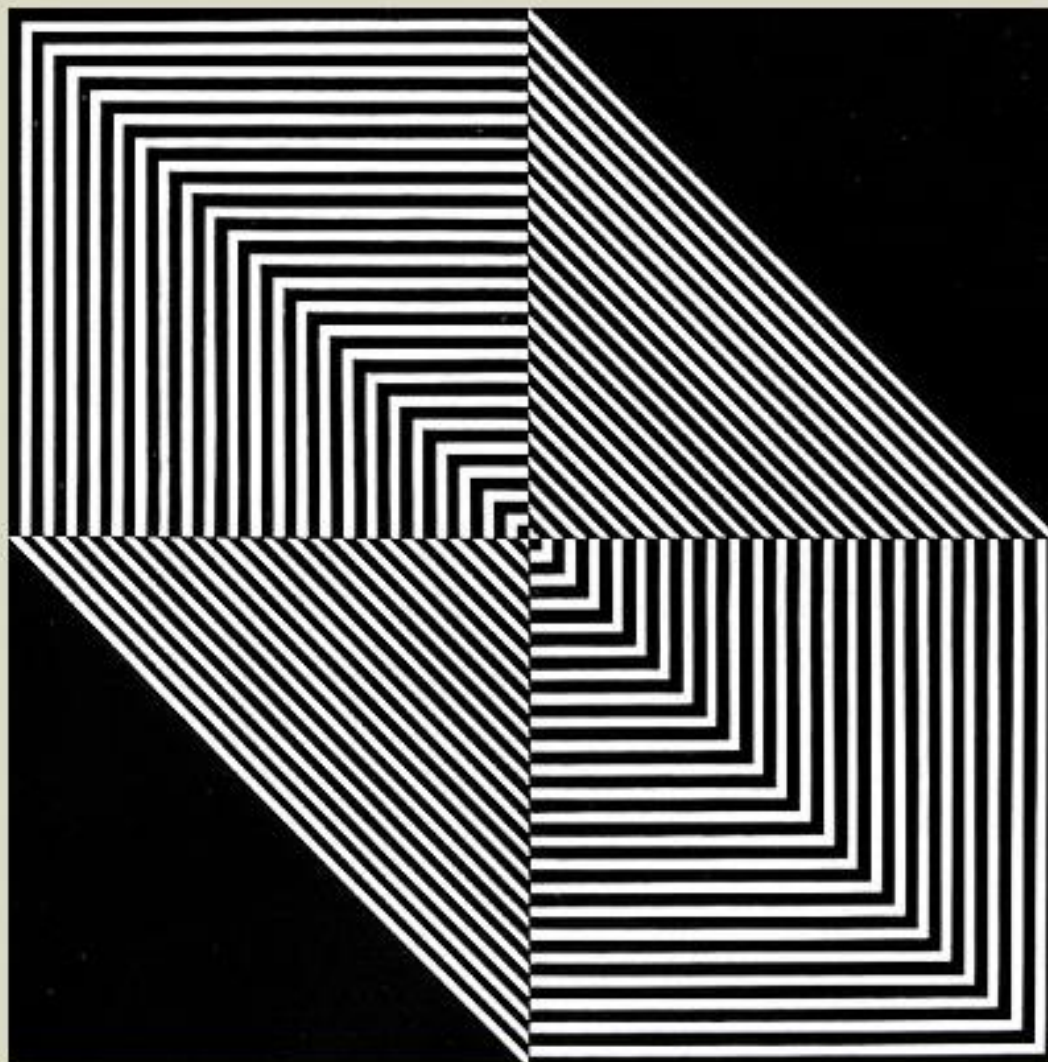
Sacilotto, Luiz

Concreção 7553, 1975

óleo sobre tela, c.i.d.

52,5 x 75 cm

Reprodução fotográfica autoria desconhecida



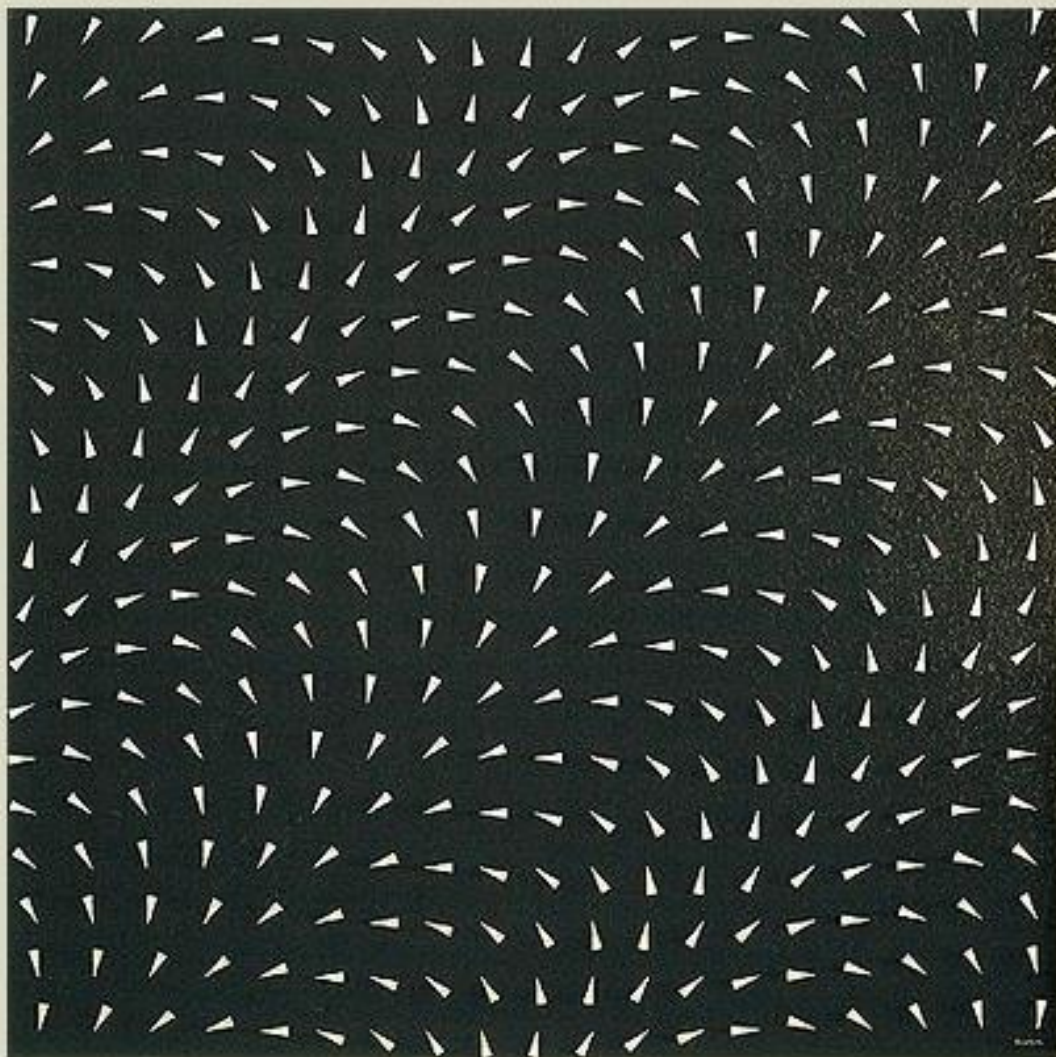
Sacilotto, Luiz

Concreção 8588, 1985

têmpera vinílica sobre tela

60 x 60 cm

Reprodução fotográfica autoria desconhecida



Sacilotto, Luiz

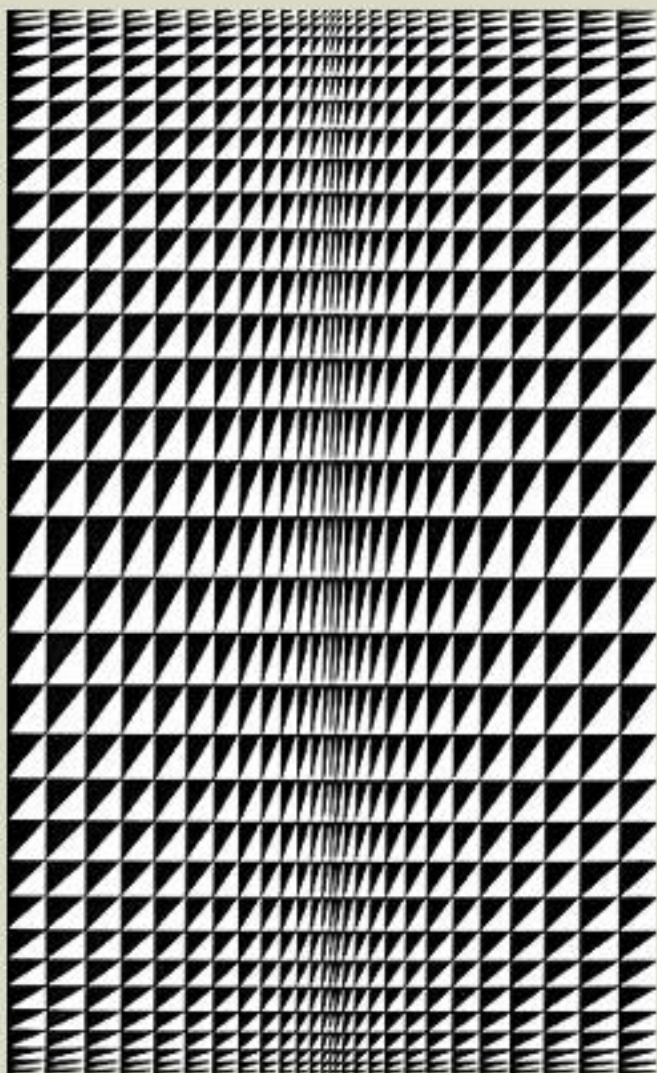
Concreção 8332, 1983

têmpera sobre tela

120 x 120 cm

Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (RJ)

Reprodução fotográfica Sérgio Guerini



Sacilotto, Luiz

Concreção 8188, 1981

têmpera sobre tela

70 x 43 cm

Reprodução fotográfica autoria desconhecida

Arte Cinética ou Kinect Art.

Outra tendência dentro destas relações com o movimento cinético acoplado à tecnologias é a Arte Cinética ou Kinect Art.

As obras produzidas nesta tendência tem a finalidade de provocar movimentos cinéticos e não apenas sugeri-los.

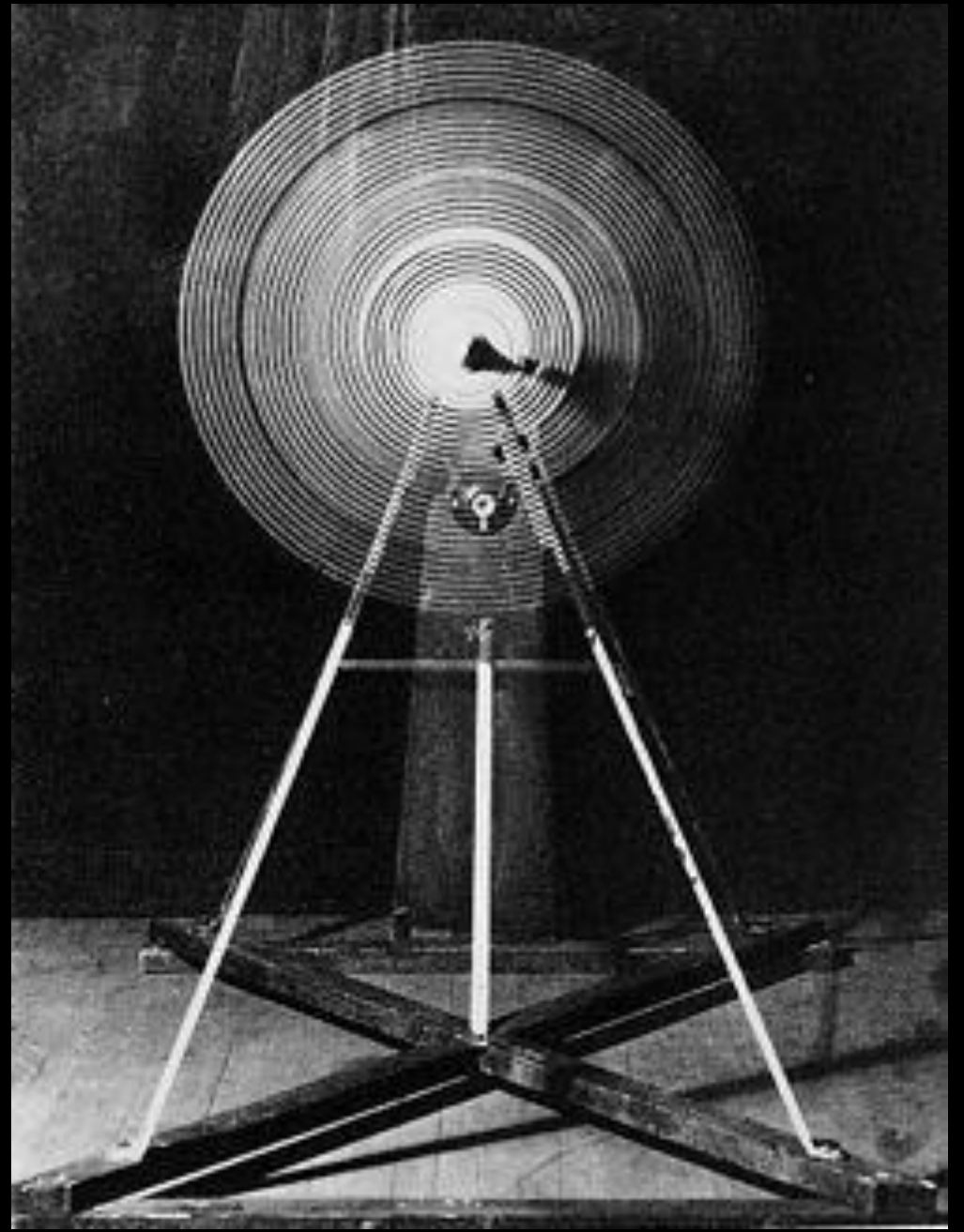
Neste caso, os artistas procuravam criar obras nas quais os movimentos físicos decorrentes do deslocamento do ar no espaço ou de motores incorporados a elas provocassem movimento real.

Em 1955, por ocasião da exposição Le Mouvement [O Movimento], na galeria parisiense Denise René, são apresentadas obras de artistas de diferentes gerações: como Marcel Duchamp, Alexander Calder, Yaacov Agam, Jean Tinguely e Gehrard von Graevenitz entre outros. Esta é a primeira vez que tais obras vêm a público reivindicar o uso de aparatos e apetrechos mecânicos e elétricos em suas estruturas.

Marcel Duchamp, 1887-1968.

É novamente o pioneiro em proposições pouco usuais e inovadoras. A primeira delas foi quando monta uma Roda de Bicicleta numa banqueta. Independente da possibilidade da roda rodar fixada na banquete talvez não tivesse sido esta a intenção primeira, mas quem sabe abriu a possibilidade de investir nisso e é isso que ele faz mais tarde com as placas de vidro rotativas.





"Rotary Glass Plates (Precision Optics), 1920"



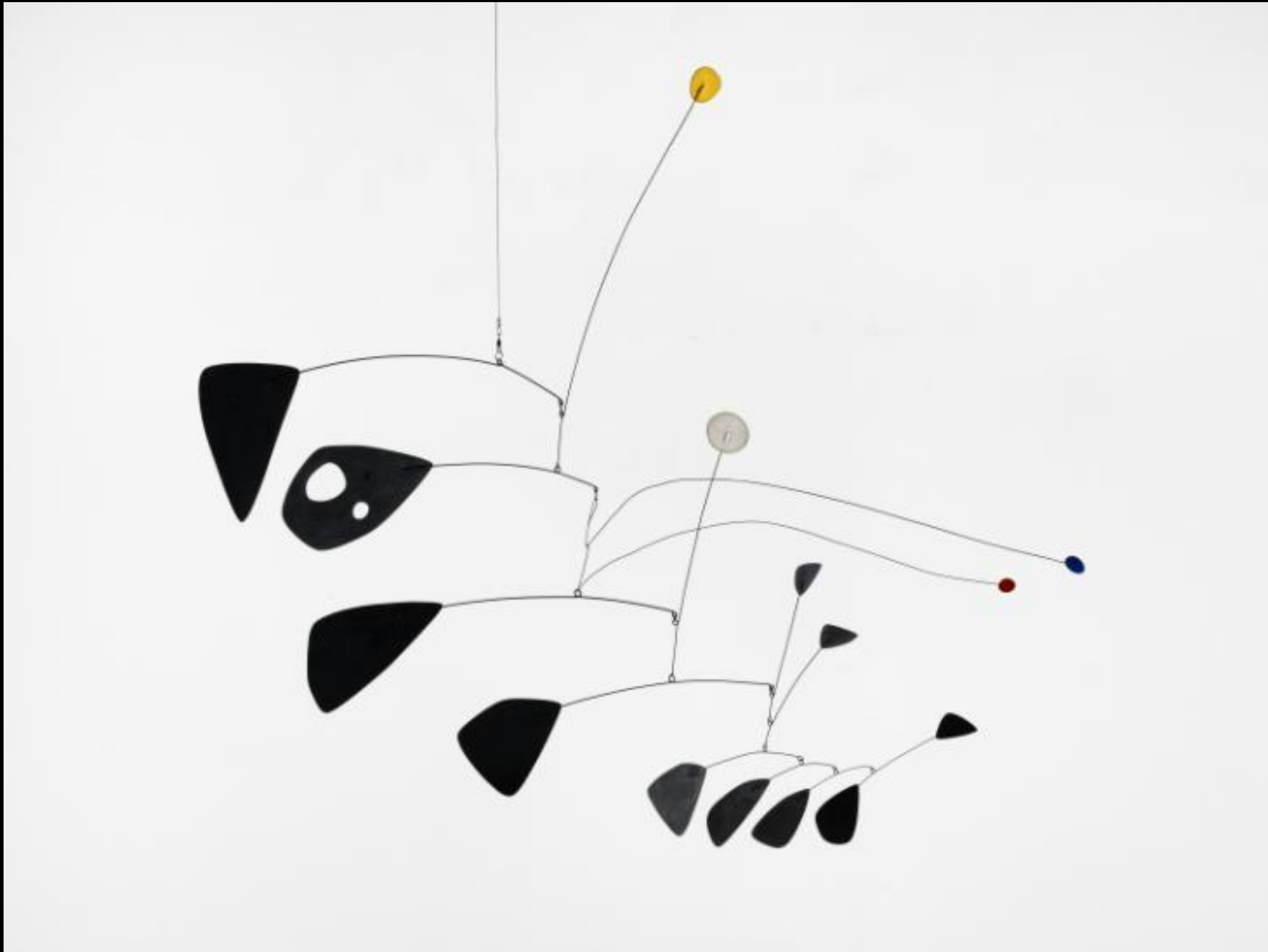
Inventing Abstraction, Rotative demisphere (Optiques de précision) (Rotary Demisphere [Precision Optics]. 1924



A regarder d'un oeil, de
près, pendant presque une
heure, To Be Looked at
(from the Other Side of the
Glass) with One Eye, Close
to, for Almost an Hour.

Alexander Calder (1898-1976). Calder é o grande mentor do processo da Arte Cinética, seus móveis ainda hoje encantam os observadores pelos equilíbrio e o movimento suave que proporcionam ao se movimentarem em seus eixos estruturais. As peças interligadas, suspensas ou apoiadas no solo, são movimentadas pelo deslocamento de ar e das pessoas no ambiente.





Alexander Calder



Alexander Calder



Alexander Calder



Alexander Calder



Alexander Calder

Yaacov Agam, 1928.



Jean Tinguely (1925),



Untitled, 1954



Jean Tinguely, *Baluba No. 3*, 1961



Jean Tinguely, *Proletkunst No. 4*, 1989



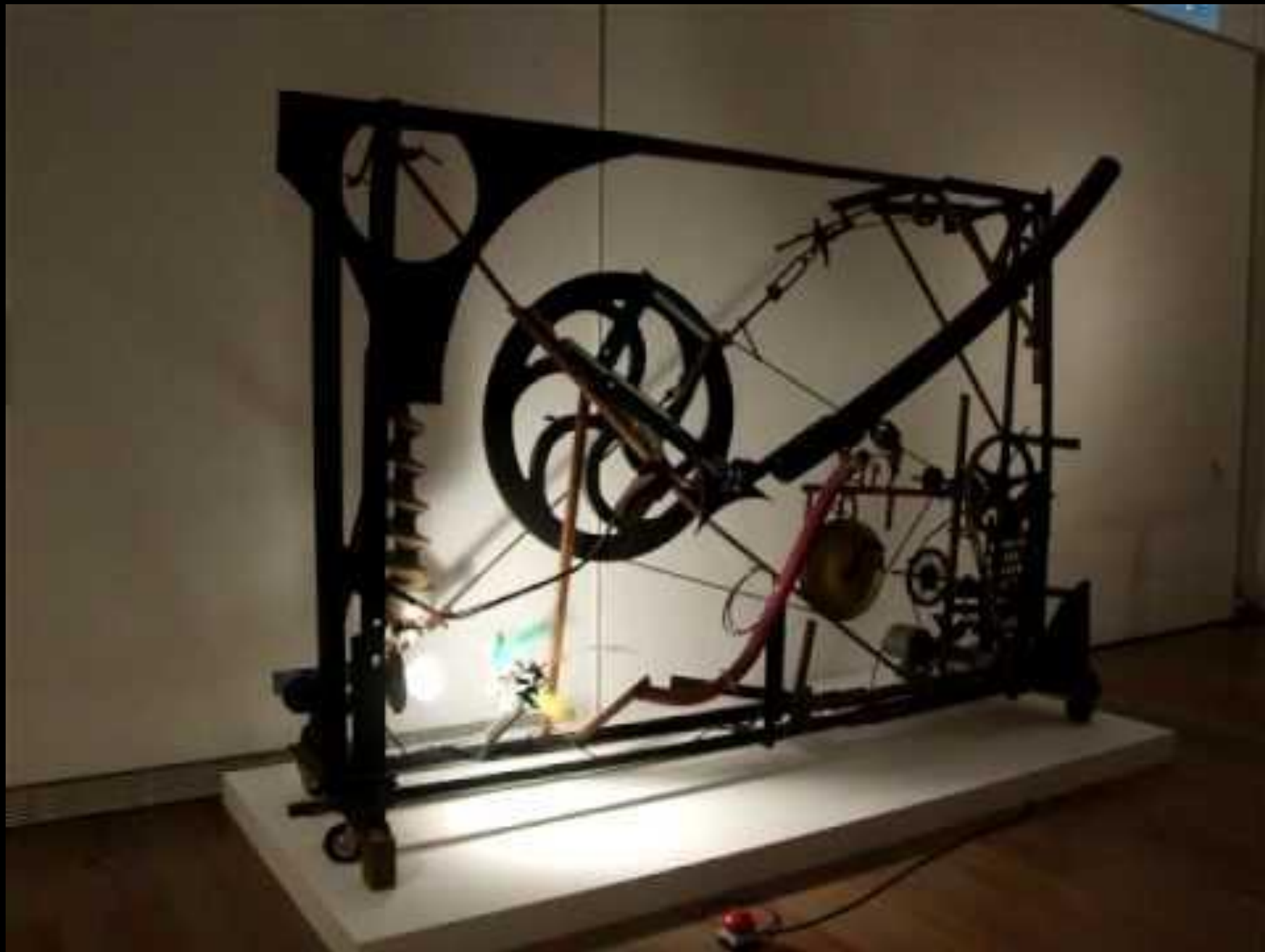
Jean Tinguely



Jean Tinguely



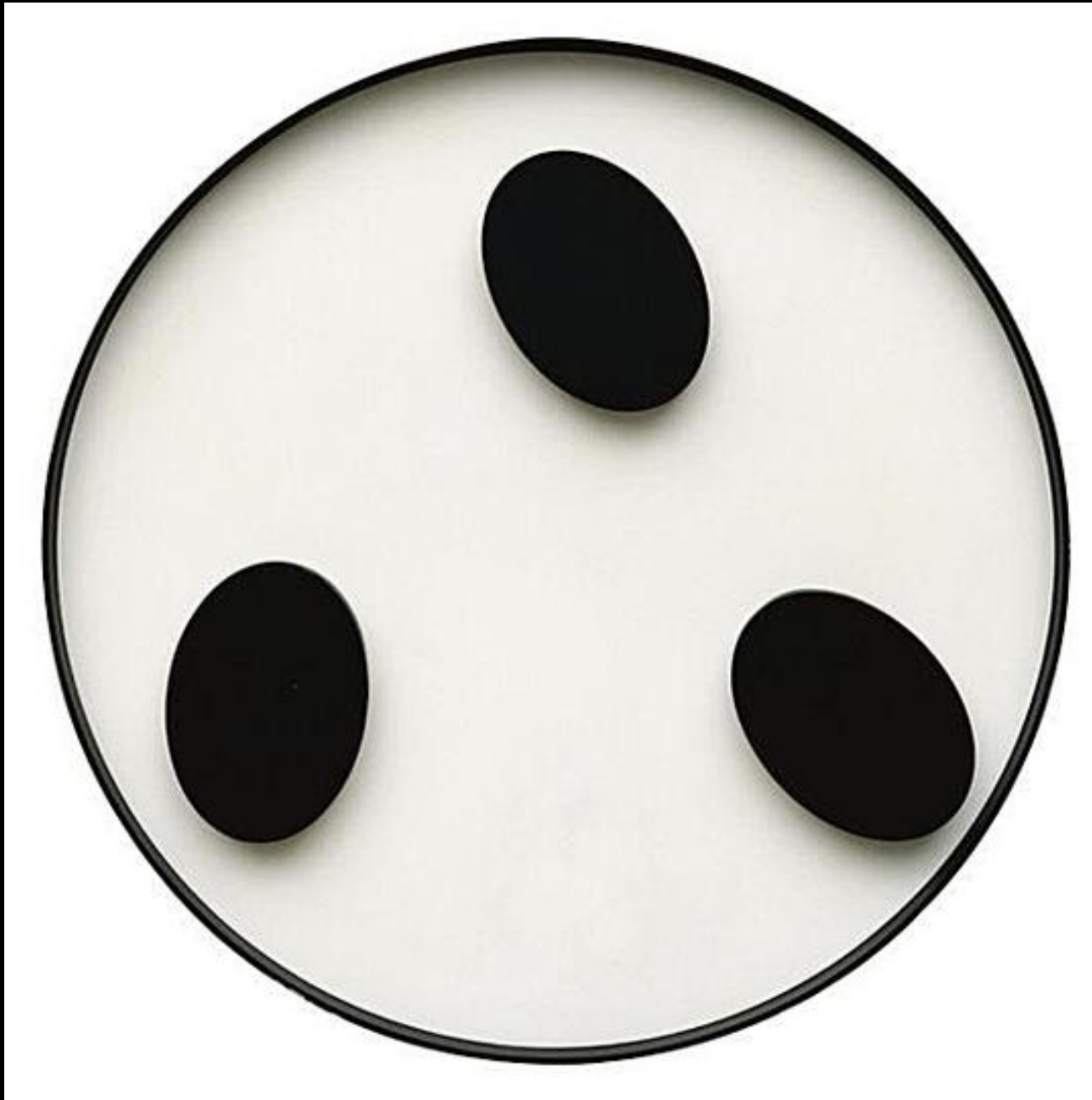
Jean Tinguely



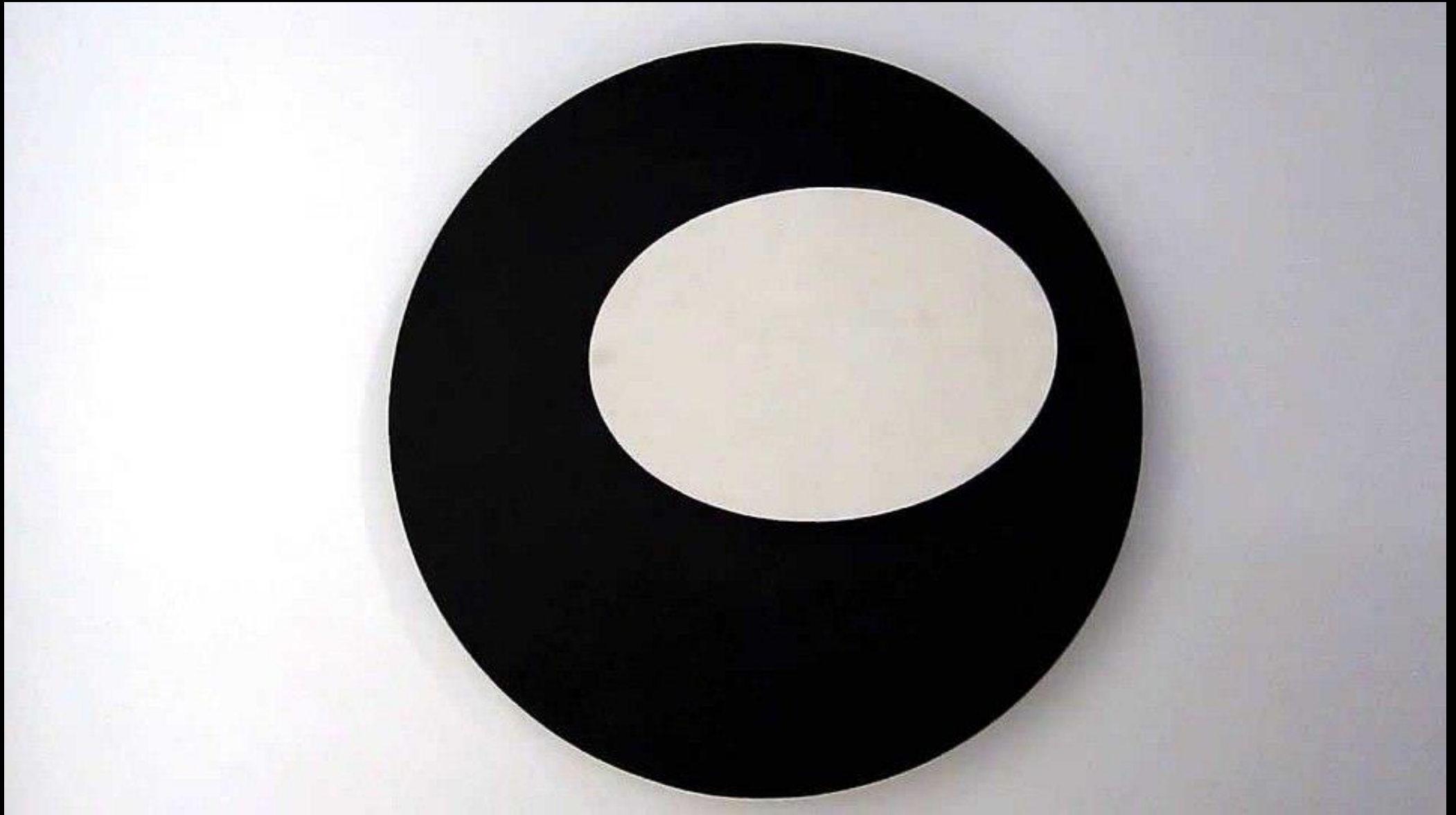
Jean Tinguely

Gehard von Graevenitz (1934)

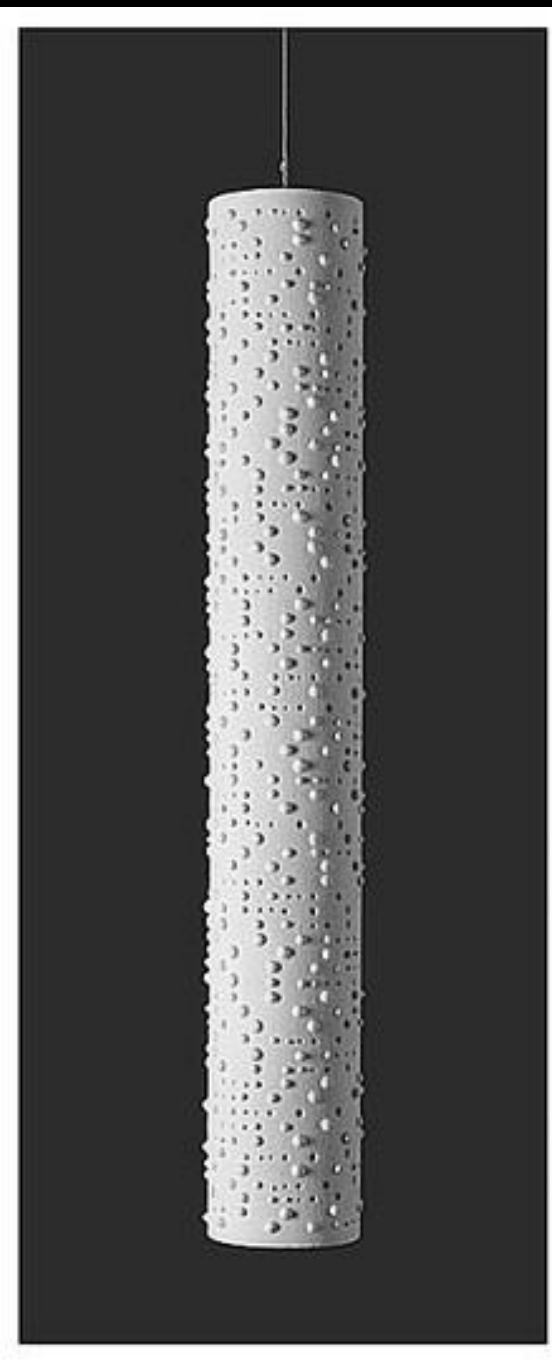




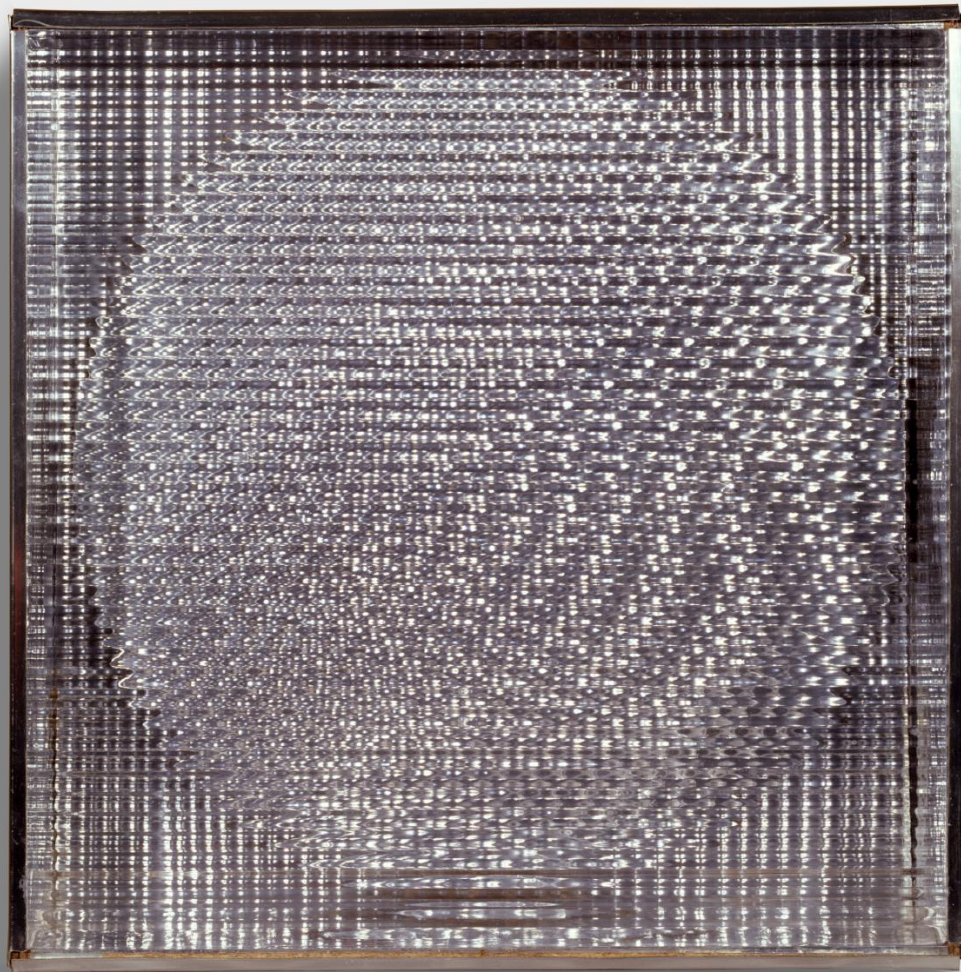
Gehard von Graevenitz



Gehard von Graevenitz



Gehrad von Graevenitz



Gehard von Graevenitz

Atualmente o artista Lyman Whitaker, escultor americano, trabalha dentro conceito de Arte Cinética, suas obras são construídas para se apropriar do ar do meio ambiente, normalmente esculturas em locais públicos confeccionadas em metal programadas para se moverem de acordo com as correntes de ar.





Lyman Whitaker



Lyman Whitaker

Outro artista contemporâneo que mantém a “tradição” cinética é Anthony Howe, também americano que cria esculturas movidas pelo vento que provocam pulsações e movimentos em vórtices contínuos. Seus trabalho ficaram conhecidos no Brasil por ocasião da Olimpíada no Rio de Janeiro em 2013.

Anthony Howe





Anthony Howe



Anthony Howe



A questão do movimento mobilizou boa parte das proposições artísticas ao longo do tempo. Nesse sentido a criação de meios e sistemas de projeção ou ilusão cinética foi uma das questões mais estimulantes no contexto da Arte Moderna, sendo coroada pelo Audiovisual, mas isso é assunto para outro momento.

Anthony Howe

Atividades de Reforço e apoio Pedagógico.

Leituras de Apoio e consulta:

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte Moderna. pag. 561 em diante.

ARGAN, Giulio Carlo, FAGIOLLO, Maurizio. Guia da História da Arte.

GOMBRICH, E. História da Arte, Capítulos 25, 26, 27 e o pós-escrito.

[http://www.artevisualensino.com.br/index.php/t
extos](http://www.artevisualensino.com.br/index.php/extos)

Questões de Reforço e avaliação:

- 1. O que se entende por Arte Ótica e Arte Cinética conforme o proposto por esta unidade de conteúdo?*
- 2. O que é Op Art e quais suas características?*
- 3. Cite três artistas desta escola.*
- 4. O que é Arte Cinética e quais sua características?*
- 5. Cite, pelo menos, três artistas dessa escola.*